



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**FANFICS E NEGRITUDE:
A REPRESENTATIVIDADE NA AUTORIA DE ESCRITORAS NEGRAS**

Myla Cristina Guimarães

Rio de Janeiro/RJ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

FANFICS E NEGRITUDE:
A REPRESENTATIVIDADE NA AUTORIA DE ESCRITORAS NEGRAS

Myla Cristina Guimarães

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Profa. Aline Frederico

Rio de Janeiro/RJ
2023

**FANFICS E NEGRITUDE:
A REPRESENTATIVIDADE NA AUTORIA DE ESCRITORAS NEGRA**

Myla Cristina Guimarães

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 **ALINE FREDERICO**
Data: 21/07/2023 10:22:52-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br/>

Prof. Dr^a Aline Frederico – orientadora

Documento assinado digitalmente
 **MÁRIO FEIJÓ BORGES MONTEIRO**
Data: 21/07/2023 19:16:55-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br/>

Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Documento assinado digitalmente
 **PÂMELA GUIMARÃES DA SILVA**
Data: 22/07/2023 11:18:50-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br/>

Prof. Dr^a Pâmela Guimarães da Silva

Aprovada em: 21/07/2023

Grau: 10 (dez)

Rio de Janeiro/RJ

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G963f Guimarães, Myla Cristina
Fanfics e negritude: a representatividade na
autoria de escritoras negras / Myla Cristina
Guimarães. -- Rio de Janeiro, 2023.
83 f.

Orientadora: Aline Frederico.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção
Editorial, 2023.

1. Fanfiction. 2. Representatividade. 3.
Literatura Negra. 4. Racismo. 5. Mercado Editorial.
I. Frederico, Aline, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras que sonhavam em se ver como a mocinha de um romance ou a grande guerreira de um livro de fantasia.

AGRADECIMENTOS

Confesso que a parte dos agradecimentos foi a que mais me causou dúvidas. A todo momento eu pensava “estou esquecendo de alguém?” “Há algo mais que eu deveria adicionar?” Mas, por fim, aqui chegamos! Uma das primeiras coisas que ouvi dos meus veteranos como a Myla de 18 anos, caloura da ECO, foi que nada seria fácil. Porém a companhia de todas as pessoas especiais que conheci e me ajudaram nesse trajeto fez com que minha vida de universitária não fosse tão desesperadora.

Primeiro, quero agradecer a dona Eloá: minha mãe, a mulher mais preciosa e icônica do mundo pra mim. É um prazer ser sua filha. Espero que você saiba que toda sua luta e dedicação estão dando frutos. Seu amor pelos livros me influenciou e continua me influenciando todo dia. Obrigada por sempre trazer gibis da Turma da Mônica para mim e pelas conversas na mesa de jantar sobre Percy Jackson.

Quero deixar registrado aqui também meus agradecimentos à professora e doutora Aline Frederico, minha orientadora e guia neste processo de finalização de curso. Obrigada principalmente pela paciência, pelas dicas preciosas e por todo carinho com esse projeto que a maioria achava meio louco no início. “Você poderia falar de algo mais interessante. Por que *fanfiction*?”, foi uma das frases que eu mais ouvi ao revelar meu tema, mas você sempre me apoiou e viu potencial em mim e em minha pesquisa. Não poderia ter continuado esse estudo sem a sua ajuda.

A família Guimarães: apenas obrigada por serem minha família. A cada um dos tios, tias, primos e primas que acreditou e continuam acreditando na minha capacidade e me influenciam a ser mais e seguir meus sonhos.

A todos os professores que fizeram parte dessa minha caminhada como aluna. Desde meu ensino médio no Colégio Intercultural Brasil-China a minha fase de estudante de uma universidade federal tão renomada quanto a UFRJ. Obrigada por todos os ensinamentos, profissionais e para a vida.

A todos os amigos maravilhosos que fiz na ECO, em especial Mayra Bragança e Rafael Vasconcelos. Vocês foram minha base e meu orgulho.

Aos meus amigos da vida: nunca poderia me esquecer de vocês! Meus companheiros na alegria e na tristeza, no desespero e na calma. Muito obrigada pelo companheirismo, por serem meus irmãos de coração e por todas as experiências, conselhos e *fanfics* compartilhadas.

A Ponyo e Hina, o par de cachorros mais estudiosos que existem. Obrigada por esquentarem meus pés deitados debaixo da mesa enquanto eu escrevia esse trabalho.

As mulheres maravilhosas que cederam seu tempo e conhecimento para alimentar este trabalho durante a entrevista do grupo focal. Vocês são incríveis. Obrigada!

E a Deus, meus guias e tudo que me acompanha nesta grande caminhada espiritual que é a vida.

“No black woman writer in this culture can write ‘too much’. Indeed, no woman writer can write ‘too much’... No woman has ever written enough.”

— Bell Hooks

GUIMARÃES, Myla Cristina. **Fanfics e negritude:** a representatividade na autoria de escritoras negras. Orientadora: Profa. Dra. Aline Frederico. Rio de Janeiro, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Produção Editorial) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. 83f.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a *fanfiction* como uma ferramenta de entrada para a nova geração de escritoras negras na literatura, sua relação com a representatividade e poder de inclusão social. Para isso foram utilizadas referências teóricas de autores como Anne Jamison, Miriam Alves e Henry Jenkins, que conduziram estudos relacionados à cultura de fãs, *fanfiction* e literatura negra brasileira. Além disso, foi conduzida uma pesquisa qualitativa utilizando a técnica de grupo focal, na qual foram coletadas as perspectivas de mulheres negras que consomem e produzem conteúdos relacionados a *fanfiction*. Os resultados da pesquisa revelam que a escrita feita por fãs no ciberespaço se tornou uma oportunidade e um contexto para a inserção de jovens negras como escritoras e leitoras no universo literário.

Palavras-chaves: *fanfiction*; escritoras negras; cultura de fãs; representatividade

ABSTRACT

The present study aims to understand fanfiction as an entry tool for the new generation of black women writers in literature, its relationship with representation, and the power of social inclusion. Theoretical perspectives by authors such as Anne Jamison, Miriam Alves, and Henry Jenkins, who conducted studies related to fan culture, fanfiction, and Brazilian black literature, were utilized for this purpose. Additionally, a qualitative research using the focus group technique was conducted, collecting data through a group interview with black women who consume and produce fanfiction-related content. This aimed to further deepen the theoretical analysis of the work. The research results reveal that fanfiction in cyberspace has become an opportunity and a context for the inclusion of young black women as writers and readers in the literary universe.

Keywords: fanfiction; black literature; fan culture; representation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. RACISMO NA LITERATURA BRASILEIRA	17
2.1. O que é ser negro na literatura?	18
2.2. A mulher preta como objeto narrativo	23
2.3. Criatividade como forma de resistência.....	26
3. FANFICTIONS COMO FERRAMENTAS DE INCLUSÃO	29
3.1. <i>Fanfics</i> : a entrada de jovens mulheres negras na literatura	32
4. GRUPO FOCAL: QUANDO LEITORAS SE TORNAM ESCRITORAS 35	
4.1. O que leva alguém a ler <i>fanfic</i> ?	37
4.2. O papel do personagem preto nas narrativas e influência dessas leituras para escritoras negras.....	40
4.3. O mercado editorial é inclusivo?	46
5. CONCLUSÃO	48
APÊNDICE A - ENTREVISTA TRANSCRITA	51
ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

1. INTRODUÇÃO

Quando se fala de literatura brasileira e seus clássicos, é comum citar histórias onde a narrativa é composta por protagonistas brancas idealizadas, em sua maioria, por homens também brancos. Mesmo que algumas escritoras negras tenham um certo nível de conhecimento quando o assunto envolve nomes importantes no universo literário brasileiro, como Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil, e Maria Carolina de Jesus, um dos ícones da literatura no país, essas forças femininas dos séculos XIX e XX foram raras exceções à causa.

Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura*, feita em 2019 pelo Instituto Pós-Livro e publicada em 2020, as mulheres compõem a maior faixa de leitores do Brasil, totalizando 54% dos leitores. Além disso, elas são as que mais leem por iniciativa própria e concluem a leitura de mais livros do que os homens. Mesmo sendo comprovado que a maior parte dos consumidores de livros do país são leitoras — no feminino —, as escritoras mulheres ainda são menos lidas. E se subtrairmos dessa conta a fração de mulheres negras reconhecidas e valorizadas no mercado editorial atual, encontraremos um número ainda menor. Uma indicação desse fenômeno é a lista de livros mais citados pelos leitores na *Retratos da Leitura*, em que apenas um é de autoria de uma mulher negra: a obra de ficção juvenil *Diário de uma garota nada popular*, da norte-americana Rachel Renée Russell.

Mesmo no século XXI, momento em que a representatividade, o feminismo e o racismo são tópicos discutidos frequentemente nos estudos das ciências humanas, em especial com análises voltadas a produções culturais, o apagamento de produções feitas com ou por mulheres, em especial mulheres negras, é perceptível e frequentemente denunciada por coletivos negros on-line.

A falta de oportunidades e o baixo nível de escolaridade para uma parte específica da população ajudam a perpetuar a falta dessas escritoras nas estantes das principais livrarias. Enquanto isso, o racismo é tratado como discurso de exclusão por acadêmicos, mas esses também perpetuam a discriminação “tratando-os [população negra] como objetos e não como sujeitos” (GONZALEZ, 2020, p. 36), ao colocar essas pessoas como objeto de estudo e não como os teóricos. Isso também fica notável dentro do movimento feminista, que, liderado por mulheres brancas, luta por igualdade de gênero, mas raramente inclui pautas contra a discriminação racial. Seus discursos são dominantes na teoria, e a invisibilidade da mulher

negra no movimento faz com que suas necessidades específicas sejam deixadas de lado a favor do discurso dominante (RIBEIRO, 2018).

Novas escritoras negras ainda encontram uma grande barreira entre suas histórias e o mercado editorial, como a escritora, poeta e ativista brasileira Miriam Alves expressa no seguinte trecho

A produção literária de autores e autoras negros vive em verdadeiros sacos de vara. Primeiro é acusada de essencialismo, depois é punida com o anonimato. [...] A esse escritor é reservado um lugar de objeto de estudo no discurso dos pesquisadores, ou seja, alguém que só tem existência através do agenciamento do outro. [...] (ALVES, 2002, p. 235)

A população de mulheres negras do Brasil é vítima não apenas do racismo e do baixo poder econômico, mas também do patriarcado e de estereótipos canonizados por uma indústria cultural brasileira que se alimenta do preconceito desde a colonização. Por exemplo, um dos papéis sociais que lhe são atribuídos é de “mulata exportação”, para consumo internacional (GONZALEZ, 2020). Ou, especificamente nos livros, como a servente fiel ou amiga engraçada da heroína branca, responsável pelo *comic relief*¹.

A literatura brasileira tem um longo histórico de personagens negros extremamente estereotipados, como a famosa Tia Nastácia do Sítio do Pica-Pau amarelo, introduzida por Monteiro Lobato como “negra de estimação que carregou Narizinho no colo” (LOBATO, 2003, p. 7), e de narrativas que apresentam apenas personagens brancos em destaque, em um país onde mais de 50% da população se considera não branca. Além disso, grandes figuras negras da área são “embranquecidas” como o escritor Machado de Assis, ou pouco citadas na história, como o editor Paula Brito².

A representação de pessoas não brancas de modo menos estereotipado e com mais cuidado vem aumentando aos poucos na literatura. A nova geração de escritoras negras busca se incluir em espaços que antes não acreditavam poder ocupar, causando em alguns jovens a conhecida “Síndrome do Impostor”, que é mais elevado em pessoas não brancas e mulheres

¹ *Comic relief* ou alívio cômico é a inserção de um diálogo ou personagem considerado engraçado, responsável pela quebra da tensão em situações dramáticas.

² Francisco de Paula Brito foi um grande editor brasileiro do século XIX. Foi ativista político e o primeiro editor a inserir questões raciais nos debates governamentais. O jornal *O Homem de Cor*, elaborado e publicado por ele, foi o primeiro jornal dedicado à luta contra o preconceito racial, dando-lhe o título de “precursor da imprensa negra brasileira”.

(BEZERRA, et al, 2021), andando lado a lado com o racismo estrutural, fazendo-as se enxergarem como pessoas incapazes de preencher certos espaços de poder.

Um caminho que escritoras negras, jovens e independentes têm percorrido para divulgar e publicar suas histórias são sites voltados à publicação do gênero *fanfiction*, que é dominado pela produção de mulheres (JAMISON, 2017). No ambiente cibernético, elas fazem o papel de escritoras, leitoras, editoras, designers e até mesmo críticas literárias. Seria a *fanfiction* um método de inclusão para essas escritoras?

Fanfic, vem do termo inglês “*fan fiction*”, e é o nome que se dá a narrativas ficcionais criadas por fãs. Anne Jamison (2017) diz que a “*fanfiction* é entendida como uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já escreveram” (p. 31). É uma história criada a partir da necessidade de inovar ou de dar continuação a uma narrativa que para o fã não termina no “*The End*”.

Com a explosão da cibercultura no início dos anos 2000 (LÉVY, 2010), os *fan writers*, ou seja, fãs que escrevem *fanfics*, encontraram na internet a oportunidade de atingir um público maior publicando suas histórias on-line. Além disso, com as redes sociais, esses fãs conseguem se comunicar e formar uma comunidade que junta pessoas com os mesmos interesses.

Dentro dessas comunidades, nós temos o que chamarei de “novos escritores”: jovens que veem em plataformas digitais como Wattpad e Spirit a chance de publicar e divulgar suas histórias sem a intervenção de uma editora. Temos novos escritores que publicam suas narrativas originais em diversos gêneros literários, mas as *fanfics* dão maior abertura para a representação e a imaginação de seus criadores.

Entre os *fan writers*, encontramos escritoras pretas que querem ver suas características, sua realidade e sua cultura sendo bem representadas na literatura. Há também um número relativamente considerável de escritores que não fazem parte dessa minoria, mas que desejam diversificar suas histórias de modo que não sejam estereotipadas ou ofensivas para os leitores e enxergam as plataformas de publicação e leitura como um primeiro passo para essa mudança.

Porém, apesar de todos os esforços, escritoras negras ainda são minoria no mercado editorial nacional. Poucas têm a chance de ver suas obras expostas nas livrarias ou em listas de best-sellers. Por essa razão, muitas se voltam a essas plataformas de escrita on-line para dar início a sua jornada na escrita.

Com isso em foco, o objetivo dessa pesquisa é estudar essa nova geração de escritoras negras, fazendo uma comparação entre o passado e presente, e utilizando o gênero *fanfiction* como uma nova ferramenta influenciadora de criação e de divulgação das obras dessas

mulheres, enquanto continuam excluídas do mercado editorial. Passaremos pela importância da representatividade, os obstáculos encontrados para conseguir escrever e vender uma obra e a importância das histórias amadoras em plataformas on-line.

Hoje, a cultura das mídias tem uma grande influência na construção da identidade individual. Por esse motivo, para esse trabalho, será utilizada a teoria da Cultura de Fã de Henry Jenkins (2009), sendo impossível falar dela sem entrar no conceito da cultura participativa, também do teórico estadunidense. Jenkins utiliza esse termo para explicar o crescimento atual da participação do público em produções culturais e as mudanças causadas por essa participação nos diferentes suportes midiáticos.

Para dar base à pesquisa, também debateremos as ideias de autoras como Miriam Alves, Bell Hooks, Anne Jamison e Lélia Gonzalez, autoras que discutem literatura negra, feminismo negro e escrita de fãs, além de levantar as perspectivas e experiências de escritoras e leitoras do gênero *fanfic*, coletadas através de um grupo focal, um método de entrevista em que a interação do grupo proporciona um debate mais profundo e rico sobre os temas que se quer abordar (COHEN et al., 2018), permitindo assim uma visão coletiva e não apenas individual do tópico.

2. RACISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Apesar das várias barreiras criadas pelo racismo institucional, a população negra segue lutando contra as tentativas de silenciamento de sua contribuição cultural através da história, seja pela música, dança ou religiões. A literatura afro-brasileira também pode ser vista como “uma produção cultural, identitária e de resistência” (LOPES, 2021, p. 184), que engloba a descendência negra na escrita, criando um movimento de reinvenção e resistência literária.

Podemos afirmar que a literatura assume um papel importante na sociedade. Ela não serve apenas como um objeto criado para o deleite humano, mas também como uma ferramenta de transmissão de valores e visões de mundo para seus leitores. Porém, essa capacidade de difusão de normas e valores também “pode contribuir para a manutenção de tradições estereotipadas, que acabam legitimando o imaginário social racista” (SILVA; SILVA, 2011, p. 2).

A representação do negro na literatura em alguns casos ainda é colocada de forma estereotipada, com descrições que podem chegar a ser inclusive ofensivas. Além disso, muitos daqueles que conseguiram se estabelecer como figuras importantes para a área, tiveram sua imagem embranquecida. O embranquecimento de negros conhecidos e relevantes para a história também é uma forma de apagamento e silenciamento das vozes dessa população marginalizada.

Historicamente, a perspectiva eurocêntrica é colocada como referência para avaliação de produções culturais, incluindo a literatura (SCHEURICH; YOUNG, 1996), o que explica a falta de representatividade e outros pontos de vista além daqueles que já estão em posição de poder socialmente. É importante lembrar que a figura do negro na literatura brasileira era quase inexistente antes da metade do século XIX e a nova visão de mundo que surgiu com os movimentos abolicionistas da época. Segundo Silva e Silva (2011), a falta de representação e o silenciamento das vozes negras na literatura se deu por dois motivos: primeiro, precisamos levar em consideração a opinião dos autores da época, composto por uma maioria de homens brancos, que não viam pessoas negras como seres humanos. O segundo fator é o próprio público daquelas publicações. Antigamente, era necessário o apoio de um senhor para publicação de livros, e muitos desses senhores eram donos de instituições escravocratas.

Além desses fatos apresentados, é importante lembrar que a população negra na época era vista apenas como mão de obra escravizada, então não havia preocupação com sua saúde, lazer, e muito menos com sua educação. A maioria não era letrada, o que contribuiu para a falta de representação literária feita pelos próprios negros. Já entre os escritores que tinham poder

de publicação havia a indagação: qual seria o sentido de publicar algo relacionado a uma população que não poderia consumir aquele produto literário?

Houve, então, uma revolução quando o autor Aluísio de Azevedo começou a trazer denúncias sobre racismo e escravidão em suas narrativas, como no livro *O Mulato*, publicado em 1881. Mas antes dele, já tínhamos uma mulher negra fazendo história com suas publicações: a autora Maria Firmina dos Reis, que publicou em 1859 o livro *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil.

Maria Firmina foi, talvez, uma das primeiras mulheres a sair do papel de objeto e se tornar protagonista de sua própria história, contrariando as visões estereotipadas frequentes da mulher negra na literatura. Ela deu início a um movimento da quebra desse silenciamento, movimento esse que hoje é levado por jovens mulheres negras que “revolucionam a literatura brasileira com as suas experiências, além de estilística inovadora” (LOPES, 2021, p. 184).

2.1. O que é ser negro na literatura?

Quando entramos no tópico literatura, no geral, é importante destacar que a criação literária está associada não apenas à estética de um autor, mas também às suas convicções e idealizações. A reprodução dos ideais de quem detêm o poder culmina na canonização de um discurso problemático, racista e marginalizador quando falamos da presença do negro da literatura brasileira.

Quando colocados lado a lado, temos dois tipos de literatura: a “literatura *sobre* o negro e a literatura *do* negro” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161). Divulgada pela visão do outro, o discurso literário sobre o que é ser negro acaba colocando o negro como uma espécie de objeto de estudo da realidade sociocultural do grupo, baseado em ideais, perícia caricata e estereótipos da história dominante: a branca.

A abolição da escravatura, que aconteceu há mais de um século, não garantiu a inserção da população negra brasileira na sociedade de forma justa e igualitária, com acesso a bens e direitos sociais desfrutados pela população branca. E, apesar dos diversos fatores que ajudam a manter a desigualdade social, produções culturais contribuíram para a continuação do problema ao naturalizar estereótipos e raramente incluir protagonistas pretos nas narrativas; esses estavam presentes apenas como personagens secundários ou com características negativas.

Isso garante o poder e, como dito mais acima, perpetua o racismo como uma estrutura que beneficia apenas uma parte da população. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi

Adichie na palestra que se tornou livro *O perigo de uma história única*, discute a relação de poder como fonte do preconceito:

“É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder. [...] A forma como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder. Poder é a habilidade não só de contar a história da outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.” (ADICHIE, 2019, p. 12)

Esse perigo é perceptível em pesquisas sobre o cenário da literatura contemporânea. Segundo Regina Dalcastagnè (2001), em pesquisa realizada pela Universidade de Brasília, entre os anos de 1965 e 2014, 70% das obras publicadas pelos grandes selos editoriais no Brasil foram escritas por homens, dos quais 90% são brancos. Neles, mais da metade dos protagonistas eram homens, em sua maioria brancos e heterossexuais.

Segundo a mesma pesquisa, apenas 6,9% dos personagens eram negros. E entre 1990 e 2014, as cinco ocupações que mais eram dadas para esses personagens eram de escravo, bandido, empregada doméstica, dona de casa e profissional do sexo. Ou seja, a literatura brasileira insiste em colocar o negro como secundário, como se sua existência se resumisse a ser o coadjuvante da história.

Em um país onde o negro aparece mais como objeto do que como voz autoral, a história única ainda predomina. O que é visto nos livros são personagens negros construídos a partir de uma visão estereotipada do olhar branco dominante. Essa visão também é uma forma de manter a dominação do branco sobre o corpo negro (MENDES, 1993).

Assim, na produção audiovisual e na televisão, esses estereótipos e preconceitos estão tão presentes quanto na literatura. Grandes nomes brasileiros ainda escolhem representar a população negra apenas nos papéis de bandido ou de empregada doméstica. Atores negros recebem salários menores do que seus colegas de trabalho que não são parte de grupos étnicos e minorias raciais passam por situações de discriminação que podem ser vistas na mídia com certa frequência.

A população negra vem resistindo desde o século XVI, com a criação dos primeiros quilombos. E hoje, vemos uma nova geração que surge exigindo igualdade por meio de coletivos nas redes sociais, graças ao maior acesso à informação e à educação. Assim, autores canonizados como Monteiro Lobato, que antes eram aclamados por sua escrita, passam a ser questionados por trechos como “bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba.” (LOBATO, 1931, n. p.).

Atualmente, Monteiro Lobato é um dos autores mais criticados, especialmente após sua obra entrar em domínio público em 1º de janeiro de 2019. A discriminação presente nas narrativas do autor brasileiro foram temas de discussão entre críticos e profissionais literários, que levantaram a questão: seria válido manter esses termos de cunho racista em obras infantis para manter a autenticidade do autor?

A autenticidade de Maria Carolina de Jesus também foi colocada em atenção há pouco tempo quando as novas edições de seu livro *Casa de alvenaria* foram publicadas pela Companhia das Letras com alguns erros gramaticais oriundos dos cadernos manuscritos da autora, como uma forma de manter a verdadeira voz da escritora. Isso levantou grandes discussões no meio literário, já que todo livro passa por várias etapas de revisão e correção antes de ser aprovado, então decidir publicar esse livro mantendo essa idiosincrasia poderia reforçar preconceitos contra autores negros.

O caso de Maria Carolina foi muito mais do que um debate entre editores e críticos literários: foi também um debate político-racial. Afinal, a decisão de manter esses erros gramaticais seria realmente uma forma de manter a voz da escritora ou de reduzi-la a uma pobre mulher favela sem escolaridade?

O interessante é que o manuscrito já havia passado por cortes, mudanças e correções gramaticais nas mãos do polêmico jornalista Audálio Dantas, editor da escritora. Além disso, a proposta de manter a autenticidade da autora não faz sentido, quando ao comparar o manuscrito com as novas edições feitas pela Companhia das Letras e seu comitê editorial de pesquisadoras negras, fica óbvio que pontuações e palavras foram alteradas, houve inserção de travessões, ou seja, provas de que o livro passou por intervenções editoriais.

A autora é um exemplo de mulher negra reduzida a estereótipos alimentados por problemas socioeconômicos. A ação da editora acaba reforçando o papel da pessoa preta como um indivíduo de capacidade inferior, em especial da mulher negra de desempenhar papéis sociais desvalorizados tanto economicamente quanto no social e na educação (GONZALEZ, 2020). Até mesmo ações que visam preservar a voz de autoras negras podem ter um efeito contrário ao esperado.

A desvalorização também pode surgir em forma de negação de identidade. Nesse caso, o embranquecimento originado do mito da superioridade branca fragmenta a identidade racial do negro (GONZALEZ, 2020), como é o caso do autor do clássico *Os Três Mosqueteiros*, Alexandre Dumas, filho de um marquês branco e uma mulher negra escravizada. O autor chegou a ser vendido como escravo no Haiti durante a infância, mas em 2010 foi interpretado

no cinema pelo ator Gérard Depardieu, um homem loiro e de olhos azuis. Há também aqueles que são bastante divulgados no país como pessoas negras, mas passam pela prática condenável do embranquecimento em suas imagens, como Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis.

A ideologia do embranquecimento, ação bastante divulgada entre o século XIX e meados do século XX no Brasil, previa a necessidade de embranquecer o país, visto que a população negra escravizada estava crescendo. Essa ideologia nada mais era do que “uma pressão cultural da hegemonia branca” (CARONE; BENTO, 2014, n.p.) contra o negro e sua identidade. Hoje, o Brasil é visto por alguns como um país miscigenado, com a falsa premissa de que esse foi um processo positivo para negros e indígenas, alimentando a crença no mito de que aqui existe uma democracia racial. Essa concepção vem de um ato que nasceu a partir da violação sexual dos senhores contra mulheres negras e indígenas, a chegada de imigrantes europeus e a ideia de que ter outra cor de pele além do branco era algo negativo.

Essa ideologia que ainda atinge a população nos dias atuais pode ser vista também na literatura. O livro *O Mulato*, do autor Aluísio Azevedo, lançado pela primeira vez em 1881, é um ótimo exemplo dos estereótipos consagrados com a ajuda da miscigenação. Raimundo, filho de um comerciante português com uma mulher escravizada negra, é o protagonista que se encaixa no que o professor inglês David Brookshaw (1983) chama de “o escravo nobre”, aquele personagem que alcança a felicidade graças ao seu branqueamento, apesar de passar, no decorrer da narrativa, por várias situações humilhantes por conta de sua origem.

A história de amor impossível entre Raimundo e sua prima, uma moça branca chamada Ana Rosa, é colocada em jogo pela sociedade racista que impede o casal de ficar junto. A nobreza de Raimundo se apresenta como uma forma de submissão, mesmo com a aparente bandeira de denúncia contra a discriminação racial do livro, como pode-se ver abaixo:

— Não chores, minha flor... segredou-lhe afinal. Tens toda a razão... perdoa-me se fui grosseiro contigo! Mas que queres? Todos nós temos orgulho, e a minha posição ao teu lado era tão falsa!... Acredita que ninguém te amará mais do que te amo e te desejo! Se soubesses, porém, quanto custa ouvir cara a cara: “Não lhe dou minha filha, porque o senhor é indigno dela, o senhor é filho de uma escrava!” Se me dissessem: “É porque é pobre!” que diabo! — eu trabalharia! se me dissessem: “É porque não tem uma posição social!” juro-te que a conquistaria, fosse como fosse! “É porque é um infame! Um ladrão! Um miserável!” eu me comprometeria a fazer de mim o melhor modelo dos homens de bem! Mas um ex-escravo, um filho de negra, um — mulato! — E, como hei de transformar todo meu sangue, gota por gota? como hei de apagar a minha história da lembrança de toda esta gente que me detesta?... Bem

vês, meu amor, tenho posição definida, não me faltam recursos para viver em qualquer parte, jamais pratiquei a mínima desairoza, que me envergonhe; e, no entanto, nunca serei feliz, porque só tu és a minha felicidade e eu nada devo esperar de ti! Ah, se soubesses, Ana Rosa, quanto doem estas verdades... perdoarias todo o meu orgulho, porque o orgulho de cada homem de bem está sempre na razão do desprezo que lhe votam! (AZEVEDO, 2013, n.p.)

No trecho, Raimundo destaca que não há lugar para ele na vida de Rosa por uma característica pessoal que ele não pode mudar: sua cor de pele. Mesmo com a boa intenção de denunciar a discriminação racial na história, o leitor se depara com uma narrativa do autor que não conseguiu fugir dos estereótipos impostos pela cultura escravista da época. Nesse caso, o escritor não dá voz ao negro, mas age como seu advogado (PROENÇA FILHO, 2004), assumindo a revolta e dando destaque à escravização da população negra através da literatura, algo que, para a época, já pode ser considerado um grande feito.

Apesar das recorrentes representações do indivíduo negro como um ser inferior na produção cultural brasileira, o que vemos atualmente é um crescimento do orgulho de ser preto. Por isso, é importante que haja mais movimentos sociais que valorizem a identificação de grupos minoritários, como o movimento negro, cada vez mais abrangente, vem fazendo nos últimos anos.

Raimundo era protagonista e, ao mesmo tempo, vítima da própria história. Vítima de um problema social secular, ele não tinha noção da valorização de sua própria identidade como pessoa negra. Compreender o que significa viver como um corpo negro é o primeiro passo para a identificação e valorização individual e coletiva do grupo. Como é dito pelo antropólogo e professor Kabengele Munanga, “a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (MUNANGA, 2012, p. 19).

Além de outros papéis que não foram citados acima, como o do “negro mágico”, que o filósofo e escritor Kwame Anthony Appiah (1993, apud GLEEN; CUNNINGHAM, 2007, p. 3, tradução nossa) define como “a mulher ou o homem negro nobre e de bom coração”³, que o único objetivo parece ser ajudar o protagonista branco a enfrentar uma crise em sua jornada do herói. Esse papel que também é conhecido nos fóruns nacionais de escrita como “a melhor

³ Original: “[...] the noble, good-hearted black man or woman”.

amiga negra”, personagem que parece não ter uma história própria, e cujo único objetivo é servir como um meio para o final feliz do protagonista.

Percebe-se aqui uma das questões da literatura brasileira: a visão que se tem do negro como um ser inferior e subjugado. “A imagem midiática ajuda a formar nossa visão de mundo e nossos valores: o que consideramos bom ou ruim, positivo ou negativo, moral ou maligno”⁴ (KELLNER, 1995, p. 5, tradução nossa). A ideologia colonial acaba contribuindo para que certos aspectos negativos continuem sendo reproduzidos em obras literárias, e tudo isso nada mais é do que uma reprodução da verdadeira situação social das relações raciais e de gênero.

2.2. A mulher preta como objeto narrativo

Quando falamos de representação como um conceito de apresentação de ideias, não podemos esquecer da identidade da mulher negra na sociedade englobada nos valores ocidentais de gênero. Como dito anteriormente, a ilusão de igualdade apaga a história da mulher negra e seu papel na construção da identidade nacional

Aqui, após a abolição da escravatura, o racismo foi e ainda é uma construção ideológica reforçada, já que, segundo Lélia Gonzalez (2020), ele beneficiou e continua beneficiando determinados interesses.

A identidade feminina das mulheres negras latino-americanas ainda é respaldada na “coisificação” de seus corpos. Sim, *coisificação*, não *objetificação*. O corpo da mulher negra é visto como algo muito mais animalizado, comparado a seres irracionais. Ao analisar a apresentação de personagens femininas na literatura do início do século passado, depara-se com uma caracterização generalizada, estereotipada e respaldada pelo olhar masculino. Em seu romance *O cortiço*, publicado em 1900, Aluísio Azevedo nos apresenta a figura de Bertoleza, uma personagem infantilizada e “associada a animalização” (PROENÇA FILHO, 2004), descrita da seguinte forma: “Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo [...]”.

Quando não é tratada e descrita como um animal, a mulher negra vê seu corpo erotizado e hipersexualizado, como é o caso do poema de Gregório de Matos dedicado a Jelu, a “rainha das mulatas”:

“Jelu, vós sois rainha das Mulatas.

⁴ Original: “[...] media images help shape our view of the world and our deepest values: what we consider good or bad, positive or negative, moral or evil”.

E, sobretudo, vós sois Deusa das putas.
Tendes o mando sobre as dissolutas
Que moram nas quitandas dessas Gatas.

[...]

Mas sendo vós Mulata tão airosa
Tão linda, tão galharda, e folgazona,
Tendes um mal, que sois mui cagarrosa.

Pois perante a mais ínclita persona
Desenrolando a tripa revoltosa,
O que branca ganhais, perdeis cagona⁵.”

Jelu é objetificada, animalizada e tem sua beleza comparada e descrita por palavras que remetem à sujeira. O poeta Gregório de Matos, inclusive, foi um dos primeiros autores a incluir pessoas negras no século XVII na literatura brasileira. Mas, como visto acima, de forma estereotipada e ofensiva, algo que se repete até os dias atuais.

A mídia nacional está longe de representar a diversidade da população, principalmente quando o assunto é a realidade do povo negro. Quando falamos de um país em que criminosos racistas continuam sendo aclamados e admirados, a falta de representação não deve ser relativizada. “Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele” (RIBEIRO, 2018, p. 25), e enquanto a voz de mulheres negras estiver sendo silenciada, não há como afirmar que um movimento como o feminismo é inclusivo, “para todas”.

A inclusão deve ser pensada de forma coletiva, e não individual. Afinal, estamos falando de um grupo de pessoas que compartilham as mesmas experiências em um sistema que as apaga. A falta de representatividade atinge a autoestima de meninas que crescem sem se ver como personagens em seus contos de fadas favoritos e romances. O racismo pode ser um grande problema para os processos identitários, “imprimindo marcas negativas no indivíduo” (GOMES, 2012, p. 12). Percebe-se assim a importância da inclusão para a autoestima de

⁵ Disponível em: <https://www.elsonfroes.com.br/sonetario/matos.htm>

mulheres negras, já que a construção da identidade não se faz de forma individual, mas em sociedade.

É inegável que há um crescimento de representação no universo midiático atual, se comparado com alguns anos atrás. Vemos essa iniciativa principalmente em produções audiovisuais, que se atendam ao papel dos personagens, dando oportunidade para atrizes negras conseguirem papéis de destaque em filmes, séries e adaptações. Mas enquanto o audiovisual percorre esse caminho de inclusão, a literatura ainda está alguns passos atrás nessa ação afirmativa.

Mesmo com esse movimento de inclusão valorizando a inserção multicultural nas criações midiáticas, “a literatura multicultural não tem sido explorada”⁶ (BANKS; BANKS, 1989, n.p., tradução nossa). Como falado no capítulo 2, a literatura é uma ferramenta de transmissão de valores. Quando os valores transmitidos vêm de apenas uma parte da população, e essa parte é privilegiada historicamente, socialmente e financeiramente, fica evidente o “perigo de uma história única”, tão bem colocado por Chimamanda Adichie (2019).

O poder de contar a história do povo negro, apesar das várias denúncias de preconceito e estereótipos nocivos nos últimos anos, esteve nas mãos de escritores brancos durante séculos. Essa falta de multiculturalidade no ambiente literário vai contra o que Bishop (1994) diz sobre a literatura multicultural que “oferece oportunidades para analisar criticamente a sociedade em que vivemos”⁷ (p. XVI).

Atualmente, apesar de toda a luta dos movimentos negros contra a má representação e a revolução literária conduzida por jovens escritoras negras globalmente, ainda temos indivíduos como Stephenie Meyer, autora da saga *Crepúsculo*, que se recusou a incluir representatividade na adaptação para as telas. Segundo a diretora da adaptação do filme, Catherine Hardwicke, a autora disse que só aceitaria um ator ou atriz negro/a no *casting* da adaptação se fosse para interpretar o papel de vilão.

Crepúsculo, apesar de ter sido um grande lançamento no mercado editorial no início do século, ainda carrega outras problemáticas, como a falta de personagens de minorias étnicas, a “inclinação racial” explícita nos livros, em que Meyer descreve que durante a transformação de humano para vampiro, o indivíduo perderia todo o pigmento da pele. Ela também foi criticada pela representação negativa de povos nativos americanos e pela descrição incorreta das histórias da cultura do povo *Quileute*.

⁶ Original: “[...] multicultural literature is not being explored”.

⁷ Original: “offer[s] opportunities to examine critically the society in which we live [...]”

Não é raro ver minorias étnicas sendo retratadas erroneamente por autores: há inúmeras denúncias em comunidades on-line realizadas por pessoas indígenas, asiáticas e negras. Como já retratado, a população negra sofre pelo silenciamento causado ao ser tratada apenas como um objeto de literatura, tendo sua cultura, características e particularidades reproduzidas através de um olhar distanciado daqueles que estão dentro de uma elite cultural no mercado editorial. Esse olhar distanciado acaba ajudando a disseminar a prática de estereotipação.

Essas ideias preconcebidas contribuem com a percepção injuriosa que temos de grupos generalizados. Ainda mais quando consideramos a dupla opressão sofrida por mulheres negras, que são generalizadas não apenas pelo gênero, mas também por suas características étnico-raciais. Isso quando elas estão presentes nessas produções literárias: há uma “baixa presença da população negra entre as personagens — além de sua apresentação estereotipada” (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 87).

Por isso, é importante a iniciativa de escritoras negras de se inserirem nesse mercado que historicamente tenta remover sua presença da arte escrita. Florentina Souza (2017) diz que a determinação dessas jovens mulheres é uma forma de transformar o modo como elas são vistas, com o objetivo de fazer intervenções nesse sistema de representação redutor.

2.3. Criatividade como forma de resistência

A manifestação da realidade de mulheres negras dentro da sociedade de hoje é mais facilmente encontrada em livros escritos por feministas negras, como Djamila Ribeiro, Alice Walker e Bell Hooks. Hade (1997, apud HINTON-JOHNSON) se coloca como defensor da literatura como meio de difusão do multiculturalismo ao dizer que é importante descobrir o valor que a sociedade atribui a raça, classe e gênero conforme esses tópicos são retratados no que lemos, especialmente porque a literatura reflete os costumes da sociedade.

É nesse ponto que entra a problemática da falta de escritoras negras no mercado editorial. Como refletir a multiculturalidade se a literatura ainda é dominada por uma elite cultural da qual não fazem parte pessoas de determinadas minorias étnicas? Essa visão distanciado do negro como personagem pode ser problemática, visto que inclui posicionamentos que “com poucas exceções, indicam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante” (FILHO, 2009, p. 161, grifo do autor).

Dessa maneira, a arte da literatura cai em uma padronização vil de estereótipos da mulher negra, excluindo a perspectiva da própria sobre as suas vivências e visão social. Isso afeta a forma como jovens leitoras se enxergam, ou seja, sua identidade.

A identidade é construída socialmente e está em constante transformação com contribuições de influências externas. Segundo Berlatto (2009), ela é o resultado de diversas interações entre o indivíduo e a sociedade. E raça, classe, gênero e sexualidade são todos elementos da identidade (Crenshaw, 1995). São inegáveis as problemáticas trazidas pela cultura patriarcal misógina que cerca a identidade da mulher. Mas isso se afunila ainda mais para mulheres negras, pois para elas a categorização de raça também influencia em sua própria interpretação como parte da sociedade.

Para meninas brancas, o gênero, de fato, pode ser o principal local de luta [...] em termos de identidade pessoal e lugar social. Para meninas de cor, meninas cultural e linguisticamente diferentes, meninas de classe trabalhadora e que vivem na pobreza, o gênero não é o único local de luta, nem necessariamente o mais importante.⁸ (ERKUT, FIELDS, SING & MARX, 1996, p. 57).

Historicamente, em produções culturais, características negativas e ofensivas são atribuídas às mulheres negras. Assim, durante a construção da identidade dessas jovens mulheres, elas precisam “desaprender as ideias negativas sobre elas mesmas que foram enraizadas pela mídia e pela sociedade em geral”⁹ (HINTON-JOHNSON, 2003, p. 57) desde a infância. Por isso, elas precisam passar por um processo de ressignificação antes de conseguirem se enxergar de maneira positiva.

Isso tem sido feito na literatura por novas escritoras negras que priorizam retratar em suas histórias o protagonismo negro, como forma de ressignificação, resistência e inclusão, um espaço dedicado à criatividade dessas mulheres que consumiram produções em que eram mal retratadas por outros criadores.

Empoderadas, mulheres negras investem em transformar as imagens que lhes foram impingidas, desejam transformar os modos como são vistas e para isto empreender uma luta, com vistas a fazer intervenções no sistema de representação reductor. (SOUZA, 2017, p. 34)

⁸ Original: “For white girls, gender may indeed be the principal site for struggle [...] in terms of personal identity and social place. For girls of color, culturally and linguistically different girls, working-class girls, and girls living in poverty, gender is not the only site for struggle and negotiation, nor is it necessarily the most salient site.”

⁹ Original: In most cases, young people of color have to unlearn negative ideas about themselves that have been ingrained in them by the media and society in general [...].”

Jovens escritoras negras quebram a prática da objetificação, produzindo estratégias criativas para uma reprodução sem estigmas nocivos. Muitas delas investem na divulgação e criação on-line, fazendo publicidade de suas obras por meio de redes sociais e publicando-as em plataformas digitais, como o Kindle Unlimited.

Essa virtualização das publicações se deu graças ao grande desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, e as relações práticas de leitura e escrita foram reconfiguradas, já que atualmente uma parte da sociedade vive inserida em “uma cultura digital letrada” (PAULA; ZANDONADI, 2020, p. 87). A partir dessas escritas on-line, essa geração de escritoras negras consegue reunir uma comunidade de leitores e de outras escritoras para troca de ideias.

Algumas dessas autoras também utilizam plataformas como Wattpad, Fanfic Obsession e AO3 — todas essas mais conhecidas por comunidades de fãs dedicadas à divulgação da ficção de fãs, popularmente conhecida como *fanfiction*.

3. FANFICTIONS COMO FERRAMENTAS DE INCLUSÃO

As *fanfictions* vêm criando uma nova visão sobre literatura, comunidades on-line e direito autoral. Mas é inegável a sua importância para a nova geração de jovens leitores e escritores. Muitas das escritoras bem-sucedidas hoje vieram desse universo literário cibernético: Cassandra Clare, autora de *Os Instrumentos Mortais*, que era conhecida por suas *fanfictions* da série *O Senhor dos Anéis* e de *Harry Potter*; Meg Cabot, autora de *O Diário da Princesa*, que era grande fã de *Star Wars*; até mesmo a trilogia de sucesso *Cinquenta Tons de Cinza* surgiu a partir de uma *fanfic* escrita por E L James — originalmente, a história de Christian Grey nada mais era do que uma reencenação de *Crepúsculo*.

Mas o que são *fanfictions* e por que elas se tornaram a nova opção de leitura e escrita para jovens escritoras?

*Fanfictions*¹⁰ — com frequência abreviada para *fanfics* ou *fics* — são histórias de narrativa ficcional escritas e divulgadas por fãs. Normalmente seus escritores se baseiam em personagens e enredos de livros, filmes, séries, ou seja, qualquer objeto de fã. E como objetos, eles são frequentemente reelaborados pela *fanfic*, sendo um dos projetos principais desse gênero literário contemporâneo “o rompimento de regras, fronteiras e tabus de todos os tipos” (JAMISON, 2017, p. 13). Nessas produções escritas no ambiente digital, “fãs escrevem os textos de acordo com regras estabelecidas por uma comunidade virtual” (RIBEIRO; DE JESUS, 2018, p. 21) havendo uma troca de experiências envolvendo criação, leitura e lazer.

Apesar da má reputação deste estilo de escrita, vista como infantil ou não-profissional por muitos, a *fanfiction* atualmente é um dos tópicos de discussão predominantes dentro de comunidades de fãs. Ela permite que os narradores se apropriem de personagens, cenários e enredos de outras pessoas, construindo suas próprias histórias ou expandindo histórias já existentes, adaptando-as conforme o propósito do *fan writer*¹¹.

A *fanfiction* existe desde o século XIX, ainda que com algumas diferenças se comparadas às *fics* que conhecemos hoje. Segundo Anne Jamison (2017), os entusiastas de Sherlock Holmes já pensavam na possibilidade de explorar um enredo diferente ou mudar alguns aspectos do *canon*¹². No contexto das *fanfics*, o termo *canon* é utilizado para denominar tudo que é oficial de uma obra: cenários, personagens, eventos etc. e não se refere, portanto, à

¹⁰ Termo em inglês que significa “ficção de fãs”. Trataremos *fanfiction* como um gênero literário neste trabalho, já que ele é tratado dessa forma por Anne Jamison, uma das autoras de referência sobre o assunto.

¹¹ Membro de um fandom que escreve *fanfictions* sobre qualquer objeto de fã.

¹² Apesar de “cânone” ter o mesmo significado em português, o termo em inglês é mais popular entre os fãs nas redes sociais.

definição clássica de cânone da crítica literária. Atualmente, esse método de escrita no ciberespaço sofreu várias modificações, desde sua transferência das *fanzines*¹³ para as publicações on-line.

Um dos aspectos mais importantes da *fanfiction* — ousou dizer o mais importante — seria sua dinâmica coletiva. Advinda de comunidades de fãs, a criação desses textos apresenta um forte senso de coletividade e participação do *fandom*. *Fandom* é a denominação dada a uma comunidade composta por fãs que compartilham a admiração por um objeto em comum. O *fandom* pode se reunir virtualmente por meio de comunidades e grupos em redes sociais, compartilhando ideias, opiniões e sua paixão por celebridades, produções, ou qualquer outra “peça de cultura popular” (FRAADE-BLANAR; GLAZER, 2018, p. 31).

Como afirmado pelo pesquisador Matt Hills (2002), fãs são um dos grupos mais estudados quando o assunto é o consumo de mídia, criando teorias no meio acadêmico sobre essa cultura de fãs. Essa cultura envolve todas as práticas realizadas por comunidades sobre qualquer objeto de produção cultural, sejam postagens, troca de informações e até mesmo a criação das histórias fictícias de *fanfiction*.

O ambiente digital permitiu que a relação entre consumidor e produtor se transformasse em um vínculo onde trocas são feitas constantemente, além de contribuir para a maior propagação de conteúdos produzidos pelos fãs. A essa convergência midiática e de poder Henry Jenkins (2012) deu o nome de Cultura da Convergência. O autor acredita que a circulação de conteúdo em diferentes plataformas conduzida pelas mudanças tecnológicas, sociais e culturais acontece de forma mais rápida e fluida.

Fanfictions fazem parte dessa convergência por usar diferentes mídias para sua movimentação e criação, como livros impressos, sites, comunidades virtuais e, sendo assim, circulando esse conteúdo por diferentes meios. Esse movimento contraria a previsão de que, com a revolução digital, as novas mídias substituiriam as antigas. Jenkins (2009, p. 33) diz que “o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de forma cada vez mais complexa”. É o que acontece nas *fanfictions*: *fanzines* agora são postadas em sites como AO3 ou Wattpad, encontros de *fandoms* podem ser feitos virtualmente, assim como a troca de informações entre autor e leitor nas redes sociais.

Esse sistema faz com que seja necessária a participação ativa dos consumidores. Na cultura participativa, os consumidores são encorajados a agir e construir novos conteúdos,

¹³ *Fanzines* são “revista de fãs”, uma combinação das palavras inglesas *fan* e *magazine*. Populares na metade do século XX, eram meios de divulgação para trabalhos artísticos de fãs sobre qualquer tipo de objeto cultural.

conteúdos esses que, por sua vez, podem impactar a obra original. existe, assim, um estado de codependência: para se manter relevante hoje em dia, uma obra precisa ser divulgada e amada pelo fandom. As interações entre criador e consumidor levam a um maior sucesso do produto. “Um objeto de fã que se constrói em sua audiência precisa de sua audiência” (FRAADE-BLANAR; GLAZER, 2018, p. 34).

Não apenas interações entre criador e fã são relevantes, mas a relação entre os membros de um fandom é de grande importância para a criação e divulgação de *fanfictions* e do próprio *canon*. Nessas comunidades os leitores e escritores assumem papéis variados e ativos (JAMISON, 2017), usando a internet como espaço criativo para produção, distribuição e publicidade de textos. São propostas novas visões sobre algum acontecimento do *canon*, conversas sobre cenários e aparências de personagens a partir de *fanarts*¹⁴, diferentes interpretações viram tópicos de discussão para fóruns, um conceito que Pierre Lévy (2010) chama de inteligência coletiva.

A ação de retrabalhar uma história existente nunca deve ser vista como uma ação inerte ou de plágio, rompendo o paradigma de que leitores e espectadores devem permanecer em “um estado de mudez passiva” (JAMISON, 2017, p. 11). *Fanfiction* é uma tradição coletiva, (JAMISON, 2017) criada a partir de uma rede de apoio construída pela própria comunidade, a partir da troca de informações e conectividade.

Esses textos escritos por fãs derrubam regras literárias, fatos canônicos, e as fronteiras entre ficção e realidade. Por isso, podem ser vistos como uma ótima ferramenta para inclusão de minorias na literatura como criadores, leitores e personagens.

Como dito por Jenkins (1992, p. 26), “a maioria das divisões da população permanece não identificada, ilegível e não simbolizada¹⁵” nos segmentos de mídia, ao falarmos de representação. O que muitos *fan writers* fazem é adicionar essa representatividade nas histórias que publicam, seja representatividade negra, LGBTQIAP+, de pessoas com deficiência etc. Eles veem na *fanfiction* a oportunidade de compartilhar narrativas mais inclusivas, elevando texto no que diz respeito à multiplicidade de raças, gêneros e até mesmo realidades, adicionando ao *canon* sua própria visão de mundo. Essa criação acontece quando os fãs necessitam de algo mais do que os criadores puderam entregar, com a intenção de continuar ou até mesmo “melhorar” a história.

¹⁴ Criações artísticas feitas por fãs baseadas em obras ficcionais populares.

¹⁵ Original: “[...] most segments of the population remain unsigned, unreadable and unsymbolized within dominant forms of representation.”

Ela dá direito ao fã de tomar posse de alguma história e construir algo novo a partir dela, que é o que Anne Jamison (2017, p. 12) chama de “ruptura do antigo paradigma”. Disso advém seu potencial para a inclusão: o *fan writer* não escreve apenas por escrever, mas por ter uma avaliação crítica da obra, ao pensar que nela falta alguma coisa, ou que ele pode conduzir a narrativa a partir das informações fornecidas pelo *canon* “para cumprir seus próprios objetivos” (JAMISON, 2017, p. 12), sejam eles de continuar uma história, mudar aspectos que não agradaram na narrativa ou incluir personagens negros porque sentiu falta dessa representatividade durante a leitura.

Escrever e ler fanfiction não é apenas algo que você faz; é uma forma de pensar criticamente sobre a mídia que você consome, de estar consciente de todas as suposições implícitas que um trabalho canônico carrega, e de considerar a possibilidade de que aquelas suposições poderiam não ser as únicas existentes. (JAMISON, 2017, p. 13)

3.1. *Fanfics*: a entrada de jovens mulheres negras na literatura

A *fanfiction* oferece vários benefícios para um escritor independente, principalmente quando pensamos que hoje em dia as publicações desse gênero são acessadas online, sem a necessidade de uma editora, poder financeiro ou qualquer outro impedimento. Os avanços tecnológicos alcançados nas últimas décadas deram mais autonomia e permitiram que fãs pudessem desfrutar de forma mais frequente os seus objetos de adoração (FRAADE-BLANAR; GLAZER, 2018), sendo a internet uma removedora de barreiras para esses grupos.

Como uma comunidade que oferece espaço para todo tipo de escritores, independentemente de classe social ou qualquer outra divisão social (JAMISON, 2017), a *fanfiction* é uma ferramenta acolhedora, assim como seus leitores e escritores. Mas essa cultura de escrita ainda enfrenta muitos preconceitos e seus membros são rotulados de forma negativa por algumas pessoas, principalmente aquelas que fazem parte de uma elite cultural.

Faz sentido, no entanto, que aqueles que estão menos excluídos dos sistemas estabelecidos de crédito e prestígio econômico e cultural se voltem com menos frequência a uma forma cultural que não só não é paga, mas ainda é bastante estigmatizada. (JAMISON, 2017, p. 33)

Hoje, a nova geração de escritores pode escrever e publicar sua obra a partir de sua casa, sem precisar passar pelos processos tradicionais, demorados e por vezes difíceis, do mercado editorial. A própria comunidade oferece uma rede de apoio ativa, fazendo o papel de leitores, críticos, editores, designers e outras funções que normalmente vemos dentro das editoras.

Apesar de ser um resultado da cultura de massa e alto consumo, o escritor de *fics* não fica preso às restrições impostas pelo mercado. Ela é uma ferramenta acessível que não precisa de venda — apesar das tentativas de plataformas como Wattpad de monetizar histórias populares —, contando apenas com divulgações em redes sociais e a ansiedade de leitores que já aguardam as postagens periódicas dos capítulos. “Pouquíssimas atividades de fãs são feitas com a intenção de colocar dinheiro nos bolsos do objeto de fã” (FRAADE-BLANAR; GLAZER, 2018, p. 59). Então faz sentido que aqueles que são menos privilegiados vejam essas plataformas como um meio para divulgação para seus trabalhos.

Como afirmado por Anne Jamison (2017), a maior parte desses trabalhos de escrita sem fins lucrativos é feita por mulheres ou pessoas que preferem não se identificar com os gêneros binários. Mas quando falamos sobre os gêneros binários que ainda são as formas dominantes de classificação, as escritoras predominam nessas plataformas, e isso é muito importante quando pensamos que elas são a minoria em outras áreas. Esse número diminui ainda mais quando focamos em mulheres negras.

Como esperado de uma cultura escrita tão inclusiva quanto a *fanfiction* — pelo menos se comparada a outros gêneros literários — não é difícil encontrar *fan writers* negras divulgando seus trabalhos com OCs¹⁶ negras, mocinhos que lembram o ator Michael B. Jordan ou Hermione de Harry Potter de pele escura e cabelo crespo, *tags* dedicadas a personagens que se transformam em pessoas negras na história. Também é comum ver discussões em redes sociais sobre personagens literários sem especificação de cor de pele no texto original.

Em uma sociedade onde, segundo Kutenplon & Olmstead (1996), os trabalhos de mulheres negras são subpublicados, subpromovidos e não reconhecidos, ainda mais quando comparados a livros de autoras brancas, ter um local para publicar suas histórias gratuitamente, com a ajuda e apoio da própria comunidade, é uma porta de entrada para essas mulheres que frequentemente são esquecidas pelo mercado literário.

Há uma nova tradição entre essas escritoras negras que escrevem *fanfictions*: se colocar como personagens principais da história, e não como secundárias. Elas criaram o hábito de se posicionar como sujeitos, que era um dos maiores problemas na literatura discutido no capítulo

¹⁶ Original character. Termo usado para identificar personagens criados por fãs.

2, e criar uma imagem mais fiel da mulher negra (COLLINS, 2000), que ama, vive, conquista e chora, e que é mais do que a amiga da protagonista branca.

Essa escrita experimental cria novos talentos literários, como os exemplos já apresentados. É importante destacar que nem todos os *fan writers* criam com o intuito de ser publicado em formato impresso (JAMISON, 2017), mas muitos expandem suas criações a partir de *fanfictions*, e passam a escrever histórias originais.

Autoras negras começam a reunir uma comunidade de leitores nessas plataformas voltadas à publicação de *fics* e fazem propaganda nas redes sociais. Depois publicam suas histórias originais pela Amazon, cobrando preços simbólicos pelos livros, muito abaixo do valor comercial de um e-book, ou os disponibiliza gratuitamente para assinantes do Kindle Unlimited.

Conhecidas como escritoras independentes, no Brasil há hoje nomes como Vanessa Pérola, que diz escrever livros com representatividade por acreditar que mulheres negras precisam se ver na literatura; Dayane Borges, que trata em seus romances da negritude e da assexualidade; e Ane Costa, que conta histórias inspiradas em sua própria experiência como mulher negra estudante intercambista.

Todas são mulheres negras que viram nas plataformas de escrita on-line a oportunidade de adentrar no mercado editorial de forma independente, divulgando seus trabalhos inclusivos, adicionando personagens que se parecem com elas em grandes produções literárias onde a representatividade negra é escassa, e tomando o poder de contar suas próprias histórias. Conceição Evaristo (2017) disse numa entrevista que “para nós, mulheres negras, escrever e publicar é um ato político”.

4. GRUPO FOCAL: QUANDO LEITORAS SE TORNAM ESCRITORAS

Esta pesquisa visa contribuir para os estudos relativos à literatura negra e a influência do gênero *fanfiction* na nova geração de escritoras. Assim, em complemento à pesquisa bibliográfica, recorri à entrevista, buscando entender mais a fundo esse fenômeno no contato direto com os sujeitos da pesquisa.

Para isso, foi utilizada a técnica de entrevista conhecida como grupo focal, onde um tema é proposto pelo mediador a um grupo de participantes e as respostas são obtidas através da interação entre os membros do grupo, permitindo uma visão coletiva, ao invés de individual (COHEN; MANION; MORRISON, 2017) do tópico. Ou seja, os dados são coletados por meio da interação entre os participantes, enquanto o pesquisador atua como mediador, estando ali para conduzir a entrevista e manter a conversação do grupo sobre o tema proposto.

Sendo um método de pesquisa qualitativa, é importante focar na análise, contexto e interpretação dos dados coletados durante a interação com os participantes. Um pesquisador precisa organizar e compreender tais materiais, e assim conseguir variadas perspectivas de um mesmo tema, dividido em diversas categorias.

A partir dessa interação entre o grupo, o pesquisador pode coletar informações necessárias para a pesquisa, gerar hipóteses advindas dos dados cedidos pelo grupo e observar diretamente pessoas que são ou fazem parte do objeto de estudo. Além disso, entrevistas em grupo permitem que o pesquisador consiga juntar em uma única coleta de dados pessoas de um mesmo coletivo, mas que têm opiniões diferentes sobre o mesmo assunto (COHEN; MANION; MORRISON, 2017).

Levando em consideração os benefícios dessa técnica, foi proposta uma reunião de grupo focal para discutir o tema da pesquisa. A ideia inicial era reunir o número mínimo — entre 4 e 5 — de jovens mulheres escritoras e que tivessem alguma ligação com o universo das *fanfictions*. Essas participantes foram localizadas e convidadas formalmente em grupos de Facebook voltados para a comunidade de leitores e escritores de *fanfiction*, perfis dedicados à literatura no Instagram e perfis pessoais em redes sociais voltadas à publicação de *fanfics*, como o Wattpad e o Fanfic Obsession.

O texto de convite continha informações sobre a pesquisa, como tema e objetivos, justificativa do porquê aquela pessoa foi convidada e sua relação com o tema e abertura para que dúvidas fossem tiradas antes que elas aceitassem ou recusassem a solicitação (ver anexo A). As tentativas não foram em todo bem-sucedidas. Algumas convidadas não chegaram a responder à invitation e outras declinaram por medo ou vergonha de se expor.

Aquelas que aceitaram logo receberam o documento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — ou TCLE — onde elas, como voluntárias, receberam as informações necessárias, incluindo uma explicação do método de pesquisa qualitativa do grupo focal, tempo previsto de duração, a manutenção de sigilo sobre os dados pessoais da participante, possíveis riscos advindos da participação e contribuição, e informações de contato da pesquisadora e da orientadora (ver anexo A).

Após o envio do termo, o grupo focal foi fechado com quatro participantes, um número adequado para o bom desenrolar desse tipo de entrevista. A partir de então, iniciaram-se as tentativas de escolher datas em que todas estivessem disponíveis para a reunião. As datas acabaram sendo redefinidas várias vezes, por motivos de doença, viagem e falta de tempo vago em comum tanto para as participantes quanto para a pesquisadora.

A reunião foi feita pela plataforma Google Meet. As participantes tiveram a liberdade de ligar ou não a câmera, pois o mais importante era a coleta de dados a partir de suas opiniões transmitidas pelo áudio. Tudo foi gravado com o aval delas, para ser consultado durante o período de realização da pesquisa e para a apuração dos materiais reunidos.

No total, a reunião com o grupo focal teve a duração de 1 hora e 54 minutos, mais do que o previsto no termo, que foi entre 1 hora e 1 hora e 30 minutos. Todas se sentiram confortáveis o suficiente para discutir a relação entre literatura negra e *fanfic*, com perguntas específicas sendo propostas pela mediadora/pesquisadora.

Toda a entrevista com o grupo foi depois transcrita, adaptada para a linguagem escrita, sem perder a autenticidade das informações cedidas, e anonimizada para manter o sigilo sobre a identidade das participantes, já que elas acabaram se referindo uma à outra pelo nome de registro diversas vezes. Assim, elas se tornaram Participante 1, Participante 2, Participante 3 e Participante 4. A transcrição da entrevista completa se encontra no Anexo A.

Entre as respostas coletadas, surgiram tópicos, alguns chamando mais atenção do que outros. Para facilitar a visualização dessas respostas ao consultar o documento, uma planilha de códigos foi elaborada. Ela foi dividida por participante, cada uma contendo dez códigos, representando os dez temas derivados da entrevista, e os trechos das respostas dadas por elas sobre esse assunto.

Os códigos foram:

- Código 1: Motivações para ler fanfics
- Código 2: Produções que levaram a ler fanfics
- Código 3: Opinião sobre livros com personagens negros

- Código 4: Caracterização de personagens negros na literatura
- Código 5: O mercado editorial
- Código 6: A importância da representatividade
- Código 7: Estereótipos
- Código 8: A responsabilidade de educar os outros sobre racismo e negritude
- Código 9: Escritores negros favoritos
- Código 10: A fanfic como ferramenta de inclusão

Após a análise e reflexão dos dados, é importante destacar alguns tópicos a partir da interpretação obtida e teorias já estabelecidas. Graças à interação entre e com o grupo, novas reflexões foram levantadas, e a partir desses códigos tais reflexões serão apresentadas a seguir, seguindo a opinião das participantes e autores que já trataram dos assuntos debatidos.

4.1. O que leva alguém a ler fanfic?

Quando falamos de *fanfiction* não trazemos à tona apenas o papel do fandom nessa cultura de escrita, mas também o papel desempenhado pelos fãs para a popularização de determinadas obras, dentro do contexto da cultura participativa. Como parte da Cultura da Convergência, o leitor passa a participar ativamente de produção de conteúdo com o uso de diferentes mídias, principalmente na internet, resultando em criações da inteligência coletiva dessas comunidades que estão se comunicando a todo momento em grupos voltados para esse público.

Mas o que leva esses leitores a produzir e a consumir *fanfics*?

Para uma *fanfic* surgir, geralmente o primeiro passo é o ato de conhecer e interpretar alguma obra considerada fascinante pelo fã. Essa obra o leva a produzir novos conteúdos a partir de sua própria experiência, paixão e criatividade, levando a narrativa já existente para um novo universo de possibilidades.

Isso permite que o fã realize seu desejo de dar continuação a uma narrativa que o agradou — ou, em alguns casos, que não foi o que ele esperava. Tomando como inspiração a narrativa original, o *canon* é amplificado, novos finais e personagens são construídos para implementá-lo e seu final não precisa ser aquele oferecido pelos autores da história oficial. No caso do leitor de *fanfiction*, a curiosidade o leva a começar a ler esses conteúdos criados pelo fandom. Pensando no que poderia ser diferente ou o que não o agradou na produção original,

ele sai em busca de outros fãs que, assim como ele, sentiram a necessidade de conduzir a história por um novo caminho e a fizeram a partir da escrita desses enredos.

A Participante 1, por exemplo, quando perguntada sobre o porquê de ter começado a ler *fanfics*, respondeu que era grande fã da novela mexicana *Rebelde*, exibida pelo canal SBT entre 2005 e 2006. Como *shipper*¹⁷ de um dos principais casais da novela, Roberta e Diego, ela acabou criando grande apreço pelos atores que os interpretavam, Dulce María e Christopher Uckermann, o que a fez procurar por fanfics onde os dois seriam um casal também na vida real.

A Participante 4 teve uma experiência parecida, já que ela também assistia e era grande fã da novela *Rebelde*. Era fã da atriz Maitê Perroni, que interpretou Lupita, uma das personagens principais, e, também, do ator Christopher Uckermann. Durante a conversa, ela falou sobre como foi descobrir o Fanfic Obsession, um site interativo que permite que a leitora se torne a personagem principal da história. Ali ela encontrou fanfics dedicadas a produções das quais ela gostava e fazia parte do fandom, como *Crepúsculo* e *Harry Potter* e as adicionou ao seu histórico de leituras.

Já a Participante 2 começou a sua jornada como leitora de fanfics durante a adolescência, por ser fã de bandas de rock e de bandas emo, como MacFly, além de grandes produções editoriais e do cinema, como *Jogos vorazes*. A partir desse interesse, ela passou a fazer parte do fandom dessas produções.

Já a Participante 3 foi influenciada a começar a leitura de fanfics por recomendação de amigos e interações na rede social Orkut, muito popular nos anos 2000. Por ligações ao telefone com uma amiga, as duas liam juntas capítulos de *fanfictions* de *Harry Potter*, um de seus livros favoritos na época, e elas interagiam a partir desses encontros eletrônicos. A partir dessa comunicação frequente, ela conheceu o Nyah! Fanfiction e passou a ler regularmente histórias por lá. No Orkut, ela tinha perfis individuais para personagens de Harry Potter e o entrosamento com outras pessoas do fandom ocorria a partir de RPGs¹⁸.

Levando em consideração as experiências pessoais relatadas pelas participantes do grupo focal, podemos notar duas coisas: a influência da interação com outras pessoas no que diz respeito às escolhas de leitura e como a insatisfação e a curiosidade com certo aspecto de um livro ou filme servem de estímulo para um indivíduo começar a ler *fanfictions*.

¹⁷ *Shippar* ou *shipp* vem da palavra inglesa “relationship” e define o desejo de que duas pessoas — ou até mais —, sejam elas da vida real ou personagens ficcionais, entrem em um relacionamento romântico.

¹⁸ RPG, sigla do termo Role-playing game, ou seja, “jogo de interpretação de papéis”, é um estilo de jogo interativo onde os jogadores assumem o papel de um personagem e criam a narrativa de forma colaborativa. As regras do jogo são pré-estabelecidas, mas os jogadores podem improvisar para dar continuidade ao enredo.

Em seu livro *Textual Poachers: Studies in Culture and Communication in the Same Series*, Henry Jenkins diz que um fã pode ser levado a se dedicar a outra produção simplesmente por passar muito tempo envolvido no fandom daquela produção (JENKINS, 1992). Ou seja, apenas o fato de se entrar em um novo fandom, pode fazer com que um indivíduo passe a dedicar sua atenção a outra produção. Fãs tendem a seguir outros fãs, levando em conta suas recomendações e opiniões, em vez de simplesmente encontrar novos programas para curtir sozinhos. Esse foi o caso das participantes 3 e 4, que foram apresentadas ao gênero textual *fanfiction* a partir do contato com outros leitores em jogos interativos *on-line*.

É comum que alguns fãs formem alianças com outros que têm interesses relacionados ou parecidos com os deles. Isso auxilia essas pessoas a encontrarem nas mídias sociais uma “base para discussão e companheirismo”¹⁹ (JENKINS, 1992, n.p., tradução nossa), em que conversas sobre um assunto em comum são levantadas: o produto de interesse do fandom. Seja ele um livro, uma série ou uma banda.

Também não podemos negar o poder que a opinião do fandom tem dentro de uma produção. Jenkins (2009) vai dizer que “a circulação de conteúdos — por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais — depende fortemente da participação ativa dos consumidores” (p. 45). Ou seja, a opinião e visão de um indivíduo sobre tal produto pode mudar o curso original da narrativa. E quando um fã resolve modificar o rumo de um personagem que morreu no *canon*, deixando-o vivo em sua *fanfic*, criar casais que nunca existiram na história original, ou adicionar mais personagens negras em uma obra desprovida de representatividade, ele está tentando desconstruir suas insatisfações a partir da escrita e compartilhando isso com o conceito do impacto da visão do fandom, que tem um grande poder de influência com suas opiniões coletivas. A insatisfação pode, sim, criar novas histórias.

A própria Participante 1 exemplifica isso em uma de suas falas ao ser perguntada sobre o que a levou a começar a ler *fanfics*. Ela não estava satisfeita com o modo como a autora Stephenie Meyer estava conduzindo a narrativa da série *Crepúsculo*, de livros de romance e fantasia sobre vampiros, e viu na *fanfic* a chance para as pessoas criarem um final diferente ou expandir o enredo original dentro do próprio universo ficcional original.

¹⁹ “Fans often form uneasy alliances with others who have related but superficially distinctive commitments, finding their overlapping interests in the media a basis for discussion and fellowship.”

4.2. O papel do personagem preto nas narrativas e influência dessas leituras para escritoras negras

Já discutimos sobre os estereótipos da mulher negra na literatura no capítulo 2: ele é frequentemente colocado como um objeto distanciado, ou hiperssexualizada, ou ainda relegada a personagem secundária. Sabemos o quão difícil é encontrar livros em que a personagem principal seja uma mulher negra, apesar da luta pela representatividade estar em pauta atualmente.

Mas qual é o papel do negro na literatura? O que podemos diferenciar uma representação adequada de estereótipos racistas disfarçados de inclusão?

Para as escritoras entrevistadas no grupo focal, essa resposta depende de vários quesitos. Como dito pela Participante 3, essa inclusão precisa ser real: “[...] precisa não ser uma cota, um token.” Se sentir bem representada por um personagem negro em um livro depende de como aquele personagem foi construído e retratado.

No caso de livros com boas caracterizações, a Participante 1 diz que a narrativa precisa ser uma “forma positiva de encarar a negritude”. Algo muito comum de acontecer em novas tentativas de inclusão é um autor ou autora se perder ao criar um enredo e antecedentes de um personagem negro e resumi-lo a ser negro.

É aquele personagem que parece não nenhum papel dentro da história a não ser sofrer com o preconceito racial e lutar contra o racismo. Essas questões são importantes e fazem parte da realidade de muitas pessoas, mas a vida de uma pessoa negra é mais que isso. A Participante 1 continua opinando sobre o assunto no seguinte trecho — o qual resume bem também o pensamento das outras participantes: “Ser preto ajuda a te definir, ajuda que outras pessoas se identifiquem com aquele personagem, sim, mas não é uma coisa que transforma ele, sei lá, num mártir, nem nada do tipo, sabe? Eu acho que esse é o personagem preto que eu gosto de ler, de encontrar. São personagens pretos vivendo suas vidas. O racismo atravessa? Atravessa, claro. Às vezes não dá pra falar sobre uma pessoa preta sem falar sobre isso. Mas ele viveu sua vida. Eu acho que esse é o personagem preto que eu gosto de encontrar na leitura e isso, sim, me faz sentir dentro da história.”

O que mais parece fazer falta nos livros é exatamente isso: um personagem negro vivendo um dia a dia comum. Sem lutas contra a discriminação a cada parágrafo, sem discussões contra personagens racistas e frases de efeito em todas as suas aparições. O racismo é algo que afeta as pessoas negras, mas isso não é algo que as leva a pensar em preconceito racial o tempo inteiro. Segundo as participantes, essas leitoras desejam encontrar na literatura um pouco mais de realismo ao retratar a vida de uma personagem negra. Certamente, a literatura advém do resultado das

relações do escritor em meio à sociedade, e certos aspectos dessa sociedade estarão refletidos em sua escrita. Então ela pode tomar para si o papel de denunciante dos problemas socioculturais, engajando o leitor a causas político-ideológicas. Mas um leitor não necessariamente começa a ler um romance procurando por engajamento político. Por exemplo. Robert Louis Stevenson (1887, apud DORENBAUM, El País, 2021) diz que os livros do gênero romance são os que possuem a influência mais duradoura no leitor, isso porque:

não impõem ao leitor um dogma que mais tarde se revela inexato, nem lhe ensinam nenhuma lição que depois deva ser desaprendida. Eles repetem, reestruturam, esclarecem as lições da vida; separam-nos de nós mesmos, obrigando-nos a nos familiarizar com o nosso próximo; e mostram a trama da experiência, não como aparece diante dos nossos olhos, mas singularmente transformada, toda vez que nosso ego monstruoso e voraz é momentaneamente suprimido. (STEVENSON, 1887, n.p.)

A leitura é um instrumento de fruição o qual permite que o leitor aprenda e simule experiências a partir da ficção. Emoções e pensamentos entram em sincronia com as emoções e pensamentos transmitidos pelo personagem na narrativa. Como bem colocado por Stevenson no trecho destacado acima, as histórias representadas em um romance não são lições, e sim repetições das experiências de vida de um leitor que faz parte de uma sociedade.

A presença de personagens negros em histórias apenas como personagens secundários, como a melhor amiga da protagonista branca ou uma pessoa que só aparece para acrescentar frases de efeito aos diálogos, reflete uma visão do papel do negro na sociedade. Essa visão é influenciada pelo racismo estrutural e, também, pelas produções midiáticas, que reverberam esse racismo. Raramente temos negros em papéis de destaque em grandes produções editoriais. Tanto que, quando nos deparamos com algum protagonista negro, automaticamente encontramos um estranhamento, que leva para dois caminhos de recepção: a positiva ou a negativa. Para movimentos que pedem igualdade, ver um personagem negro em papel de destaque é visto como um grande passo na luta antirracista. Para outros, se deparar com uma pessoa negra em papel de destaque pode causar indignação. Isso porque estamos tão acostumados a ver pessoas brancas em papel de destaque, que qualquer mudança nesse quesito traz estranhamento.

Um exemplo atual dentro do mercado editorial seria o livro *Amoras*, do rapper brasileiro Emicida, que foi alvo de racismo religioso em uma escola na Bahia. O livro foi indicado para um projeto literário de turmas de ensino fundamental e teve um de seus exemplares riscados pela mãe de um aluno com várias mensagens de cunho preconceituoso. A história segue a

jornada de uma menina negra que está descobrindo o mundo, falando sobre a origem humana na África e trazendo informações sobre os orixás. Por isso, segundo a matéria de Eduarda Ramos (2023) no site Lunetas, o livro foi acusado por essa mãe de fazer “blasfêmia contra o Deus vivo e de espalhar ideologias anticristãs”.

Por outro lado, temos autoras como Tomi Adeyemi, escritora nigeriana-americana, que foi para a Bahia estudar cultura e religiões de matrizes africanas, adicionando certos aspectos aprendidos no primeiro livro da trilogia de fantasia *Filhos de Sangue e Osso*. Tomi Adeyemi foi, inclusive, citada pelas participantes 2 e 3 como uma de suas autoras negras favoritas.

Essa iniciativa de colocar protagonistas negras e aspectos da cultura e religiões de matrizes africanas é algo que as escritoras de *fanfiction* já fazem há bastante tempo. Inserir na produção da qual se é fã e que tem escassez ou inexistência de personagens que fazem parte de uma minoria social é um dos motivos que as leva a começar a escrever uma *fanfic* que se encaixa na categoria *canon divergence*²⁰, ou seja, obras que trazem divergência em alguns pontos da história original, seja nas características físicas ou personalidade do protagonista ou na inserção de novos personagens — o chamado *original character*, ou personagem original.

Tais alternativas abrem portas para que protagonistas ou personagens negros no geral sejam adicionados nesses universos ficcionais que antes não eram inclusivos, a partir de uma iniciativa do próprio fandom.

A Participante 4, quando perguntada se inclui personagens negros em suas histórias respondeu que, hoje em dia, sim, mas antes ainda era muito influenciada pelo que via na literatura que consumia: protagonistas brancas. Até que ela começou a estranhar esse sentimento de não conseguir se enxergar na própria história:

Antes, quando eu comecei a escrever, lá pros 16, 17 anos, minhas personagens também eram brancas. Eu não tinha essa preocupação. Mas a gente vai passando pela vida e vai percebendo. Acho que quando você lê um livro e você não se identifica com o personagem, é aquele momento que você fala ‘por que que não existe uma mulher preta empresária?’ ou ‘por que que não existe uma mulher preta psicóloga?’. Esse tipo de coisas vinha me incomodando. Foi quando eu falei, ‘não, eu quero escrever histórias com personagens pretos!’

Como mulheres negras que cresceram com uma escassa produção editorial que as representasse, além de procurar se inserir nas histórias, as participantes também trouxeram para a discussão questões em que essas inserções são feitas de maneira ofensiva ou quando obviamente foram colocadas ali apenas como um *token*.

²⁰ Canon divergence AU é um termo utilizado pelos fandoms para classificar fanfictions que são criadas com algumas mudanças do universo da obra original.

Há casos em que, quando é adicionado um personagem negro, ele perde suas características étnicas naturais, ou sua descrição física é feita de forma quase que insignificante. Muitas vezes não há nem mesmo o trabalho de descrevê-lo. Em algumas situações, ele é descrito apenas como uma pessoa de pele escura, sem o detalhamento das características físicas que diferem o padrão de beleza europeu. As falas das participantes 2 e 3 retratam bem essa situação:

Porque sempre escrevem a pessoa negra da mesma forma, “tem a pele negra e o cabelo assim”, sendo que tem várias formas de descrever o cabelo de uma pessoa negra: vários penteados, tem tons de pele desde o mais clarinho até o mais escuro, até o mais retinto, e eu sinto muita falta disso. [...] Eu gosto de falar também que a pessoa tem a pele negra ou a pessoa tem a pele marrom, que a pessoa é negra de pele clara, é uma pessoa retinta, sabe? Descrever a textura do cabelo, falar se a boca é grande ou não, ou falar que a pessoa tá alisando o cabelo. Tem uma personagem de um livro que ainda vai demorar pra sair, mas a história se passa nos anos dois mil, então fala que ela alisa o cabelo. Por pressão estética. E também tem uma outra personagem que eu gosto que ela gosta de trançar o cabelo. Mas essa parte de escrever a pele é muito difícil e tem muita gente que tem medo. (Participante 2)

Uma coisa que eu fiquei pensando: quando a gente se depara com personagens brancos e o autor quer que a cor da pele dele seja ressaltada como branca, ele compara com porcelana, que é aquela coisa muito bonita, porque porcelana é uma coisa muito bonita, delicada. Então “meu personagem branco com a pele de porcelana”, ponto. O que eu, como escritora e como pessoa, acho bonito na cor preta? Me deparei com um “obsidiana”, que é uma pedra escura, preta, uma pedra muito bonita. Então se o meu personagem tem a pele escura, muito escura, ele pode também ser comparado a pele de obsidiana, sabe? Porque é uma coisa bonita, é uma coisa preciosa. Eu acho que é o meio como a Participante 2 também falou, comparar com a noite, que é uma coisa bonita, negro como a noite. Ou o básico, que é o que as pessoas deveriam estar acostumadas: a pessoa de pele negra, a pessoa preta. Que é o que eu uso bastante, tipo, preto e negro. É isso, né? A gente precisa naturalizar. (Participante 3)

Também temos essa questão de naturalizar o uso das palavras preto ou negro ao se referir a alguém. A palavra “negro” percorreu um grande caminho em busca da positividade e naturalização quando o assunto é descrição de pessoas. Antes, a palavra negro era utilizada de forma pejorativa e chamar alguém assim era visto como uma ofensa. Conceição Evaristo, em uma entrevista para o jornal *Estado de Minas Gerais*, diz que:

Sou de uma geração que assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. A palavra negro era usada sempre no sentido pejorativo. Quando queria atingir uma pessoa negra, o termo era usado. Houve um trabalho, uma autonomação da palavra negro para esvaziar o sentido negativo dessa palavra. Foi criada uma semântica de positividade. Isso muito por meio da literatura. (EVARISTO, 2020, n.p.)

O medo do “cancelamento” por parte de alguns autores quando se fala de colocar representatividade em suas histórias também acaba sendo um impedimento para uma maior inclusão, tanto nos livros quanto nas *fanfictions*. Adicionar personagens negros em uma narrativa não deve ser considerada uma ação afirmativa, mas uma boa prática de textos inclusivos. Afirmações como essa são base para debates, como o proposto pela página @twr.official, em seu perfil no Instagram.

Figura 1 – Post “Verdades difíceis de engolir sobre representatividade”



FONTE: Página do twr.official no Instagram (2023)²¹

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsWFuWbPI6f/?igshid=MzRIODBiNWF1ZA==>. Acesso em: 19 mai. 2023.

Em um mercado em que personagens, em especial as femininas, são marcadas de forma negativa, subjugadas a ações discriminatórias e do patriarcado e com pouca valorização de sua diversidade, ver fandoms transformando seus objetos de fãs em um produto mais inclusivo é uma prática otimista para o futuro da literatura. Essa prática vem sendo cultivada por muitas leitoras e escritoras *on-line*, em especial as negras, que, como colocado por Silva (2013), enfrentam “um latente silenciamento em suas obras, provocando a invisibilidade de sua escritura” (p. 176).

Como colocado por Fraade-Blanc e Glazer (2018) “[...] um objeto de fã é constantemente recriado pelos tributos dos fãs” (p. 23). Ter essa nova geração de escritoras que buscam por inserção e recriam suas histórias favoritas a partir de uma visão coletiva em comunidades cibernéticas faz com que discussões como essas sejam possíveis. Além disso, a possibilidade de postar livros *on-line* abriu portas para escritoras independentes, que não apenas escrevem fanfics, mas também criam obras originais e publicam em sites voltados para leitura gratuita. Abaixo, trago a fala de uma das participantes sobre as *fanfic* como ferramenta de inclusão:

Histórias originais, que a gente erroneamente ainda chama de fanfic, talvez ainda tenham um pouco mais de representatividade, você se encontra um pouco mais nelas. Eu acho que até hoje, por mais que você ainda tenha um núcleo de personagens majoritariamente branco na maior parte dos fandoms, você também tem aquela resistência. Digamos assim, aquelas pessoas que pensam ‘é todo mundo branco no *canon*, mas vou inserir uma preta aqui, e é isso. Vou criar uma história por trás pra ela e ela vai ser a pessoa fodona daquela história’. E tá ótimo, maravilha, eu quero ler. Eu acho que o lugar onde eu vi mais representatividade, foi no Fanfic Obsession, justamente por conta dessa questão de não colocar tanta característica assim na personagem principal.

A *fanfiction* é uma ferramenta aberta a várias possibilidades. Como dito por Jamison (2016), ela “derruba limites entre gêneros sexuais e gêneros literários, raças, cânones, corpos, espécies, passado e futuro, consciência e inconsciência, ficção e realidade” (p. 13). Essa possibilidade de inserir diversidade e trabalhar na prática de textos inclusivos é destacada pelo grupo focal nas seguintes falas:

E, realmente, eu acho que na fanfic, se a pessoa quiser, ela pode fazer tudo! Por exemplo, tinha um seriado que eu gostava muito, que a protagonista era uma mulher negra retinta, só que eles cancelaram o seriado e mataram a personagem. Foi uma

revolta na época, porque, de fato, na época, acho que foi em 2013, era muito difícil ver uma personagem negra numa série de fantasia como protagonista. E as fanfics que as pessoas criaram desse seriado acabaram suprindo uma carência enorme que os produtores da série não faziam, que era dar mais atenção ao fato de ela ser uma mulher negra, continuar a história depois que tiraram ela de uma forma que foi totalmente desnecessária... então eu acho que a fanfic tem muito potencial de criar representatividade. (Participante 2)

Mas eu acredito que o universo de fanfic é um universo muito vasto, a gente consegue escrever em um universo alternativo. [...] Tudo bem que de alguma forma acaba se tornando uma história original porque a gente tira de todo o contexto da narrativa original, mas isso é possível, e eu acho que se tem um lugar que é possível é nas fanfics, principalmente em histórias que a gente já era apaixonada. (Participante 3)

[...] Eu acredito que no mundo das fanfics as pessoas têm total liberdade pra escreverem o que elas quiserem, com quem elas quiserem, criar um universo novo ou entrar num universo que já existia e colocar representatividade. (Participante 4)

4.3. O mercado editorial é inclusivo?

“O mercado editorial ainda é muito branco” foi a fala da participante 1, uma profissional que trabalha em uma das maiores editoras do mercado brasileiro. Como poderíamos exigir mais representatividade nessas editoras de livros que são compostas, em sua maioria, por um corpo profissional que cresceu privilegiado financeira e socialmente?

São poucos os casos de editoras negras no mercado editorial, em especial editoras negras em posição de poder. Apesar de ser um local de trabalho predominantemente feminino, as empresas de editoração ainda carecem de diversidade em questão de minorias raciais.

É importante lembrar que o mundo editorial é construído não apenas pelo sistema capitalista da meritocracia, mas também por uma rede de contatos. O sociólogo norte-americano John B. Thompson resume bem essa relação no seguinte trecho:

Agentes, firmas e outras organizações nunca existem isoladamente: encontram-se sempre em complexas relações de poder, competição e cooperação com outras firmas e organizações, e a teoria dos campos nos obriga a focalizar a atenção nesse espaço complexo de poder e interdependência.” (THOMPSON, 2013, p. 7)

Quando vamos mais a fundo e especificamos esse grupo para mulheres negras, a situação é ainda pior, já que historicamente elas estão em uma posição social de desigualdade de gênero, raça e poder financeiro. Essa rede de contatos criada por editoras dificilmente irá alcançar profissionais do texto — sejam elas escritoras ou editoras — que não façam já parte da elite cultural.

Atualmente, acompanhamos uma grande movimentação em nome da inclusão social de grupos minoritários, como a comunidade negra. Mas essa inclusão é levada em conta nas editoras? Uma das coisas mais notáveis para mim como uma profissional da editoração, foi a falta de nomes negros nos catálogos das editoras.

Para as participantes, isso também foi notável. Ao entrar em perfis nas redes sociais de algumas editoras, vemos uma falta de divulgação dos poucos autores negros contratados por elas e poucas capas com personagens não brancos. “Mas o curioso é que são poucos pretos os publicados, e aí também dificulta a situação. Ou então o livro do autor preto não é tão importante assim pra editora do que do autor branco, o que também complica”, foi a fala da Participante 1 sobre o assunto.

Devemos nos lembrar que as editoras são empresas e dependem de alguns elementos para se manterem relevantes. Trarei aqui dois conceitos debatidos por Thompson (2013): o capital econômico — recursos financeiros, instalações e reserva de capital — e o capital social — *networking* e relações sociais. Com o objetivo de se manterem valiosas e interessantes, técnicas de marketing são utilizadas para divulgação do trabalho dessas editoras nas redes sociais, tendo em mente a questão financeira, ao planejar o faturamento, e a social, com parcerias e divulgações. Mas essas iniciativas de inclusão nem sempre são bem recebidas pelo público. Por exemplo, durante a pesquisa com o grupo focal, surgiu a pauta das postagens dessas editoras no mês de novembro, mês da Consciência Negra no Brasil. Nesse período, as editoras se atentam e destacam autores negros e publicações que retratam personagens negros, assim como outros nichos, buscando construir a imagem de um mercado inclusivo. Mas por que esses *briefings* de representatividade são apresentados apenas em novembro? Por que não dar destaque à luta antirracista na literatura durante o ano todo?

Sobre essa situação, a Participante 4 diz:

acho que é hipócrita, mas fazer o quê? É importante que tenha essa divulgação mesmo no mês de novembro, pra pelo menos ter alguma coisa. Não acho certo também. Acho que deveria divulgar todos os dias, ter esse movimento o ano todo.

Isso é reflexo da falta de igualdade no meio acadêmico e profissional, que, apesar das ações afirmativas como as cotas, ainda não garantiu a igualdade de formação para a população negra do Brasil. Isso contribui para que ainda haja poucas pessoas negras trabalhando nas áreas de comunicação — no caso de uma editora, isso inclui o setor de publicidade e editorial — refletindo assim vários problemas estruturais do país. As editoras respondem a esses problemas muitas vezes com estratégias de marketing que visam simular uma inclusão, sem a iniciativa de construir ações efetivas para o combate à exclusão social.

A tradição literária do Brasil é uma tradição construída a partir de um pensamento eurocentrista, discriminatório e patriarcal. As escritoras negras vêm percorrendo um longo caminho para se colocar como artistas valorizadas e procuradas por essas empresas, não por serem negras e em nome da “diversidade de uma empresa”, mas porque seus textos são inovadores e de qualidade. Apesar do silenciamento de suas vozes literárias, elas travam uma luta para saírem do papel de objeto de estudo de publicações que denunciam o racismo e se tornarem sujeitos de suas próprias histórias.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de contribuir para o debate acerca de dois tópicos crescentes no campo da comunicação: o estudo das *fanfics* e a questão da representatividade da população negra na literatura. Para isso, a pesquisa enfocou a nova geração de escritoras negras e a cultura escrita da *fanfiction*. Essas são aéreas ainda emergentes de pesquisa no campo de estudos da comunicação e carentes de pesquisas. É perceptível que, apesar de serem temas relevantes e importantes na atualidade, ainda carecem de estudos aprofundados, especialmente no contexto brasileiro.

Ao pesquisar mais sobre a literatura negra, ficou claro que esse campo evoluiu bastante em questões como racismo e estereotipação. Hoje, há mais cuidado com as falas, mais tentativas de se colocar de forma não preconceituosa e muito mais valorização de escritoras negras em comparação ao início do século passado. Textos com passagens racistas como as vistas nas obras de Monteiro Lobato não são aceitos na atualidade. Devemos destacar também o cuidado de editoras que visando ter um catálogo mais diverso, contratam profissionais focados em leitura sensível, responsáveis por revisar os textos procurando palavras e termos que podem reforçar preconceitos e estereótipos.

Porém, é notável que ainda não alcançamos um nível de igualdade. Mulheres negras seguem encontrando obstáculos ao tentarem se colocar no mercado editorial, vítimas não

apenas do patriarcado, mas também do racismo e da desigualdade social. Ainda são poucas as que têm o nome conhecido popularmente e suas obras reconhecidas. Ao escreverem e publicarem suas histórias, escritoras negras fazem muito mais do que uma criação artística: elas lançam um ato político. Essa nova geração insere sua própria voz na narração, procurando criar mais livros com protagonistas negras, que tenham vivências, aparência física e ações parecidas com a de uma mulher negra da nossa sociedade.

Muitas delas entram nesse caminho literário através da *fanfiction*: uma alternativa que não exige grandes habilidades, poder monetário ou a entrada no sistema formal de publicações, historicamente elitista e excludente. A *fanfiction* é uma cultura de escrita em comunidade, onde a escritora negra encontra apoio, tanto emocional, de seu grupo de leitores fiéis, quanto do próprio fandom que fornece uma equipe editorial de forma gratuita, com trabalhos como editor, revisor e designer. Esse trabalho grupal tem como suporte a tecnologia digital que auxilia na divulgação de trabalhos de escritoras negras sem a necessidade de investimento financeiro e de passar pelos filtros do mercado editorial que conhecemos.

A contribuição das quatro participantes foi essencial por fornecer uma visão direta de indivíduos que vivenciam essa cultura e esses sistemas de produção e circulação de histórias em primeira mão, estando inseridos nas comunidades de escrita online e fandoms diversos, trazendo para o trabalho seu olhar como sujeitos, leitoras e escritoras. A partir dessa conversa, observamos que todas faziam parte de alguma comunidade de fãs, o que as influenciou a começar a escrever sobre seu objeto midiático de admiração. Além disso, todas se colocaram como escritoras que procuram inserir personagens negras em suas histórias, um reflexo da falta de representatividade a qual elas foram expostas em livros lidos durante a infância e a adolescência.

Elas também falaram sobre autores negros que já se encontram no mercado editorial e como suas histórias impactaram tanto seus hábitos de leitura quanto a iniciativa de observar a descrição de personagens negros dentro das narrativas. Aproveitando a deixa do mercado editorial, as opiniões dadas pelas participantes permitiram que o assunto se estendesse para a pesquisa, mostrando que o campo editorial passou por uma grande inovação nas últimas décadas, sendo hoje dominado por mulheres. Mesmo assim, são mulheres que em sua maioria se reconhecem como brancas e fazem parte de uma elite cultural. Ainda há poucas mulheres negras, especialmente de origem popular, ocupando espaços nesse campo de trabalho.

Ao tratar de um fenômeno emergente, complexo e em constate transformação, a pesquisa abriu novas questões que poderão ser trabalhadas em estudos futuros, como o próprio

caso da falta de representatividade no mercado editorial e o porquê de mulheres negras não estarem ocupando esse espaço. Outro tema que emergiu na pesquisa e merece ser explorado em estudos futuros é o estudo dos papéis impostos a personagens negros em histórias criadas por mulheres e como elas os descrevem em comparação aos modos de representação pejorativos utilizados no passado.

Diante do exposto, conclui-se que as comunidades de *fanfiction* são uma alternativa acessível e acolhedora a nova geração de escritoras negras que querem se colocar no mundo literário como profissionais da escrita. Ela permite que essas jovens mulheres publiquem suas histórias inserindo personagens negras em narrativas *canon* que tal e contribuindo com sua própria criatividade para um texto mais inclusivo na literatura ficcional de forma independente.

APÊNDICE A - ENTREVISTA TRANSCRITA

ENTREVISTA COM QUATRO PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL

ARQUIVO: GRUPO FOCAL - Tempo de gravação: 1h, 54 min e 11 seg

Realizada em 18 de março de 2023

MEDIADORA: Okay. Vamos começar com o básico, que é a introdução. Quantos anos você tem, quando você começou a ler fanfic e o que te levou a ler, quando você começou o seu perfil literário nas redes sociais, no caso da Participante 3 e Participante 2, e se tem um motivo específico pra você entrar nesse hobby. Vamos lá. Quem vai primeiro? Vocês querem que eu comece? Meu nome é Myla. Eu tenho 23 anos. Eu não sei quando eu comecei a ler *fanfic*, acho que foi com uns 12 anos, por aí. Foi mais porque eu gosto de K-pop, eu comecei a ler histórias com idols. Quem é a próxima?

PARTICIPANTE 1: Pode ser eu. Gente, eu sou a Participante 1. A Myla já me conhece. A Participante 4 também, ela era minha beta²² no Fanfic Obsession. Eu comecei a ler fanfic no falecido Orkut. Na época era webnovela²³, não era nem fanfic. Eu comecei com webnovela de RBD, lendo nos grupos. E de RBD “descambou” pra fanfic de Crepúsculo e depois de Harry Potter, por aí vai. Não teve nenhum motivo muito específico... Na verdade teve um motivo específico pra eu ter começado a ler fanfic, web novela na época, que foi ser apaixonada pelo Christopher Uckermann e pela Dulce Maria. Então eu queria, tipo, eu falei assim “não, eles são um casal real! Então é isso, eu preciso ler que tá rolando por trás”. Era verdade? Não sei, acho que sim, acho que não. Mas eu comecei a ler, fanfic, web novela na época “Vondy”, que era da Dulce Maria e Christopher Uckermann. Depois de um tempo eu pulei pra Crepúsculo porque eu não tava muito satisfeita com o que a autora estava fazendo com a história dela, e eu vi que tinha uma possibilidade de pessoas criarem um final diferente ou criarem histórias dentro do próprio universo e isso me atraiu e aí eu comecei a ler. Qual era a outra pergunta? Não lembro se tinha outra pergunta?

²² Um leitor beta é aquele que faz a leitura teste de uma obra inédita, além de dar conselhos e fazer comentários, usando o ponto de vista do leitor.

²³ Webnovelas são novelas escritas, com atores e, até mesmo, o próprio soundtrack. Mais populares em países da América Latina, webnovelas são como *fanfics*, geralmente baseadas em livros e filmes.

MEDIADORA: Era só isso mesmo.

PARTICIPANTE 1: Ah, era só isso? Então tá bom. É isso.

MEDIADORA: Se você quiser falar mais alguma coisa, pode falar.

PARTICIPANTE 1: Acho que não. Foram basicamente esse os motivos que me levaram a começar a ler fanfic: saber de casal, “shippar”, essas coisas.

MEDIADORA: É isso Quem é a próxima? (*Participante 4 usou o recurso de levantar a mão do Google Meet*) Pode falar, Participante 4.

PARTICIPANTE 4: Bom, eu entendo. É que a minha história é muito parecida com a da Participante 1, porque, assim, eu também comecei a ler na época do Orkut. Primeiro, deixa eu me apresentar: Participante 4, trinta anos. Comecei no mundo das fanfics na época do Orkut também. Só que era por conta RBD também porque eu tinha fake na época, então tinha toda uma vidinha no fake, normalmente... Que é tipo um RPG. Se vocês forem novas, vocês não vão saber o que era fake, é tipo o RPG. E aí, eu comecei a me aventurar nas webnovelas também, só que diferente da Participante 1, eu gostava muito da Maitê (Perroni) e do Christopher (Uckermann). Então era um trauma, né? Na época falavam que nunca existiria na vida, mas eu gostava muito. Então eu comecei a ler histórias sobre os dois e tudo mais ali, e de repente, do nada, eu comecei a descobrir o Fanfic Obsession também. Tô lá desde 2009, então na época da minha adolescência ali, por volta de uns 16, 17 anos que eu me aventurei nesse mundo. Comecei a acompanhar, entrei no site, achei muito legal a parte da interatividade, que eu poderia participar da história ativamente. Como leitora eu seria uma personagem também, e isso chamou muito a minha atenção e aí dali foi não sair mais, entendeu? *Fanfic* de Crepúsculo, *fanfic* de Harry Potter, porque eu gostava bastante. Fui acompanhando a saga. E é isso. Respondi tudo, tem mais alguma coisa?

MEDIADORA: Não, amiga, você respondeu tudo. Pode ir falando, mas você respondeu tudo.

PARTICIPANTE 4: Beleza, fechou!

MEDIADORA: Quem é agora gente? Vamos lá. (*Participante 3 usou o recurso de levantar a mão do Google Meet*) Participante 3, vamos, Participante 3. Pode falar.

PARTICIPANTE 3: Gente, eu me identifiquei muito com a história de vocês. Mas vamos lá. Oi, eu sou a Participante 3, eu tenho 31 anos, e eu também comecei a ler por conta do Orkut. Mas, diferente de vocês, eu tinha Orkut de personagens de Harry Potter. Também tinha fakes, RPG, etc. E aí eu conheci as pessoas, que a gente acaba fazendo amizade pra off, né, pra vida real, e uma amiga, ela costumava me ligar de vez em quando, e teve uma vez que ela me ligou e falou “nossa, achei uma coisa! Deixa eu ler pra você”. E aí virou um hábito porque ela sempre

me ligava pra ler um capítulo de uma fanfic, que era uma de Harry Potter. Depois ela me apresentou o site que era o Nyah! Fanfiction, que era por onde eu lia a maioria das *fanfics*. E depois de um tempo, lendo as fanfics de Harry Potter, algumas fanfics aleatórias, na época não tinha casal favorito nem nada, então eu só gostava da construção diferente do mundo, e ainda assim, dentro do universo de Harry Potter. E aí depois de um tempo como eu e algumas amigas tínhamos personagens que a gente dizia que era original, né? Que eram personagens originais dentro do universo, eu passei a escrever fanfics dessas nossas personagens. A gente tinha seis personagens. E eu queria escrever, queria mostrar pro mundo, vou postar no Nyah!... Flopou, mas foi o meu iniciinho, né? Eu comecei por aí a escrever. E é isso.

MEDIADORA: Ótimo! Participante 2, só falta você.

PARTICIPANTE 2: Oi gente, meu nome é Participante 2, eu tenho 29 anos, fiz essa semana. E assim...

MEDIADORA: Iih, travou. Travou?

PARTICIPANTE 2: ...você botar seu nome, o nome de quem era seu favorito. Você tá conseguindo me escutar?

MEDIADORA: Travou um pouquinho, mas você pode falar. Eu ouvi até os 29 anos.

PARTICIPANTE 2: Não, é porque aqui tá toda hora dando problema. É, então, eu fiz vinte e nove essa semana.

MEDIADORA: Feliz aniversário!

PARTICIPANTE 2: Obrigada!

PARTICIPANTE 4: Parabéns!

PARTICIPANTE 2: E assim como vocês, eu também comecei no Orkut. Eu lia fanfics de bandas, de bandas de rock, bandas de emo, porque eu sempre fui a “muchinha”. E eu comecei a acessar muito site de *fanfic*, o Fanfic Obsession. Eu lia muita *fic* do MacFly lá. A ideia era legal, que dava pra botar o seu nome, dava pra personalizar com quem você queria (ficar), e eu também comecei a ler muito a fanfic de séries que eu gostava. Séries e livros. Tipo, Jogos Vorazes. Eu cheguei até a escrever uma por um bom tempo, como se fosse o livro do ponto de vista do Pita. Eu também participava de RPG de Jogos Vorazes, que era como se fosse uma *fanfic* também, né? Uma *fanfic* mais do tipo interativa, você tinha que criar, como se fosse uma outra edição dos Jogos Vorazes. Foi por causa disso que eu comecei a me interessar também por escrita, não só por ler, mas também por escrever. E foi isso. Assim, eu gostava de ler quando era criança, aquela coisa infantil, né? Mas o que me fez voltar a gostar de ler foi muito a *fanfic* mesmo.

MEDIADORA: Você, você e a Participante 3 no caso, que tem um perfil... um *bookgram*, que eu diria, o que levou vocês a abrir esse perfil dedicado a literatura?

PARTICIPANTE 2: No meu caso, foi porque, quando eu criei ele em 2019, eu vi que tinha muito perfil de resenhas de livro, só que eu não gostava muito de fazer resenha. E eu sempre via muitas dicas de escrita em inglês no Tumblr e eu achava muito legal. Pensava assim, “pô, eu podia pegar essas dicas e traduzir, passar, né? Adaptar pra literatura nacional.” Porque tem até coisas assim de escrita que não funcionam em português. Eu pensei, “pô, acho que seria legal.” Eu comecei a fazer no Tumblr mesmo. Eu tinha um perfil lá, só que eu acabei indo pro Instagram, e no Tumblr eu postava só artigos maiores, textões. Mas eu acabei parando de fazer esses textos, comecei a focar mais no Instagram mesmo, e foi isso. Eu comecei a criar essas dicas de escrita e eu gosto bastante de fazer isso, eu comecei também a trabalhar com livros a partir daí, né? Porque foi uma época que eu tava com problema de saúde, depois veio a pandemia e o perfil cresceu pra caramba durante a pandemia, e eu comecei a fazer isso com mais frequência.

PARTICIPANTE 3: Ah, no meu caso foi durante a pandemia mesmo, começou a pandemia e eu pensei: “eu preciso fazer alguma coisa pra não enlouquecer”. Então buscando por um hobby, no Instagram pessoal eu seguia um ou dois perfis literários, eu falei “é isso aqui”. Então eu fui no perfil, segui alguns outros perfis de base, de inspiração, e eu gostava muito de ler, só que eu tinha perdido o hábito da leitura. Eu falei “não, talvez o perfil me ajude”, aí eu voltei a ler por conta do perfil, por conta do compartilhamento de ideias com outros perfis, com outras contas etc. Então foi meio que unir o útil ao agradável, né? Não enlouquecer durante a pandemia e voltar ao hábito, que era uma coisa que eu gostava muito! Desde criança eu amo bastante.

MEDIADORA: Alguém quer falar?

PARTICIPANTE 2: Não, eu ia falar que o que a Participante 3 falou de também ter esse perfil pra ter um hobby, uma coisa pra não enlouquecer durante a pandemia, uma coisa pra fazer, realmente, também foi muito o meu caso. Que, no meu caso, foi até realmente a pandemia porque eu estava com problema de saúde. Eu não podia fazer muita coisa. Eu comecei a criar esse perfil também pra ter uma ocupação na cabeça. Aí, quando veio a pandemia, foi isso, pra poder ficar em casa, mas continuar ativa, continuar interagindo com outras pessoas. Também ter mais interesse pela literatura nacional. Eu comecei a ter contato com muitos autores, muitos escritores. É muito positivo nesse ponto também.

MEDIADORA: Vamos para as perguntas mais diretas. A primeira pergunta que eu queria

fazer não é sobre vocês como escritoras ou como influencers ou algo assim, e sim como leitoras. Aqui todas nós somos mulheres negras e eu acredito que, assim como eu, vocês também sentiram um pouco de falta de ter — eu pelo menos prefiro mais livros de romance, né, fanfiquera. Romance com caras bonitos etc — e eu sentia falta assim de ter uma protagonista que se parecesse comigo e isso me frustrava um pouco. E hoje em dia quando eu entro na livraria e vejo um livro com uma protagonista negra eu compro. Enfim, eu queria perguntar pra vocês o que vocês sentem quando vocês pegam um livro e vocês veem que tem uma protagonista ou um protagonista negro? Nós vamos focar na questão da negritude, mas podem falar também sobre qualquer outra minoria ou grupo que vocês se identificam. O que vocês sentem? Vocês se sentem bem representadas? Isso não faz muita diferença pra vocês? O que vocês acham?

PARTICIPANTE 1: Não, assim, não sei se você vai concordar comigo Participante 4, mas eu acho muito legal e muito válido quando a gente tem personagens pretos na trama. E eu me sinto muito bem quando encontro algum livro com personagem preto. Mas, ao mesmo tempo, depende muito do personagem preto que eu vou estar encontrando naquela trama. Porque assim, a gente está sempre recheado de narrativas que falam sobre situações tristes e aquele racismo pesado, ou então aquele clássico da melhor amiga preta, só pra cumprir cota, sabe? Então esses personagens assim não me apetezem. Tipo, não faz diferença. Beleza, aquele personagem está ali. Ele podia ser preto, ele podia ser qualquer minoria, porque ele está ali sendo literalmente só uma “cotinha” pra dizer, “ah, olha só, a gente tem representatividade no livro!” Mas quando o livro é uma forma positiva de encarar a negritude, tipo, poxa, você é uma pessoa preta, mas você é uma pessoa. Ser preto ajuda a te definir, ajuda que outras pessoas se identifiquem com aquele personagem sim, mas não é uma coisa que transforma ele, sei lá, num mártir, nem nada do tipo, sabe? Eu acho que esse é o personagem preto que eu gosto de ler, de encontrar. São personagens pretos vivendo suas vidas. O racismo atravessa? Atravessa? Claro. Às vezes não dá pra falar sobre uma pessoa preta sem falar sobre isso. Mas ele viveu sua vida. Eu acho que esse é o personagem preto que eu gosto de encontrar na leitura e esse sim me faz sentir dentro da história.

PARTICIPANTE 4: Concordo, eu também acho. Até porque, é como você falou: quando o personagem preto ele está ali por cota, eu fico até aborrecida, dá vontade de não ler mais o livro, sendo bem sincera. Claro que quando eu vejo que a autora é negra, ela já passa em trilhões o autor negro. Eu já ponho como prioridade, porque eu sei que ali eu vou me identificar mais. Porque é uma vivência que a gente tem ali, né? E, claro, quando eu via que a personagem era

branca, às vezes eu estava lendo o livro, estava envolvida, aí vinha aquelas características completamente meio irreais. Era loira, tinha os olhos azuis... enfim, dava uma quebra, né? Mas eu concordo com tudo que a Participante 1 falou. Era isso mesmo.

PARTICIPANTE 3: Eu queria meio que complementar, concordando com as meninas também. Porque às vezes não é nem não é nem um personagem secundário, sabe? Eu li — pensando agora — eu li um livro que tinha a protagonista preta e eu fiquei muito contente porque eram duas minorias, né? A protagonista era preta e era um livro sáfico, ou seja, eram romances entre meninas. Só que era um tanto irreal, tipo, pra começar era ela e mais um outro personagem. Na verdade, eram três, eu contei. Desculpa. Mas enfim, haviam três personagens pretos no livro, só que os endeusados, os personagens que eram os mais bonitos, beleza estonteante, eram os personagens brancos. E aí eu comecei a me sentir um pouco incomodada com isso. Mano, ninguém vai olhar pra essas pessoas pretas e dizer que elas têm uma beleza estonteante, que elas são maravilhosas etc. Uma outra parte que me incomodou, que pode parecer pequeno, mas eu fiquei, “gente, isso não é muito real”, foi quando a outra personagem, que era o par romântico da protagonista, estava desembaraçando o cabelo da personagem negra. E ela desembaraçando com delicadeza... Eu falei “gente, você vai desembaraçar um cabelo crespo com delicadeza? Você não vai conseguir desembaraçar um cabelo crespo”. E aí eu falei, cara, não, isso já não é muito real. Eu fiquei meio incomodada. Eu acho que eu gosto... eu acho não, eu sou apaixonada por escritas que trazem personagens pretos, que tem um protagonismo preto etc., mas precisa ser real, sabe? Tipo, precisa não ser uma cota, um *token*²⁴, sabe? Tem que ser uma coisa de fato bacana.

PARTICIPANTE 2: Eu sempre gostei muito de livro de fantasia, livro de distopia com essa vibe, e sempre foi muito difícil me sentir representada, porque era sempre o mesmo perfil: a garota de 16 anos, branca, magra, padrão, mas que não acha que é padrão, ai, meu Deus, que tem sempre os caras muito em cima dela. Foi uma coisa que eu sempre senti muita falta. Tanto que hoje em dia eu escrevo personagens pensando em suprir essa carência. E assim, um dos poucos livros que eu li de fantasia, que eu sentia representatividade preta, que eu adorei, foi o “Filhos de Sangue e Osso”, eu até pesquisei aqui porque eu não estava lembrando o nome do livro.

PARTICIPANTE 3: Maravilhoso!

PARTICIPANTE 2: Oi?

²⁴ Tokenismo é a prática da inclusão superficial, o falso esforço para ser inclusivo com pessoas que fazem parte de alguma minoria.

PARTICIPANTE 3: Maravilhoso!

PARTICIPANTE 2: Sim, esse livro é maravilhoso, porque primeiro todo mundo no livro é preto, todo mundo, a história... Eles fazem uma ambientação na África, então, tipo, não é aquela história eurocentrada. A história fala da cultura iorubá, que é perto do meu coração por causa da minha religião. Então é muito legal se sentir representada nesse sentido porque você vê pessoas negras de diferentes tonalidades de pele, diferentes texturas de cabelo. Porque sempre escrevem a pessoa negra da mesma forma, “ah, tem a pele negra e o cabelo assim”, sendo que tem várias formas de descrever o cabelo de uma pessoa negra, vários penteados, tons de pele desde o mais clarinho até o mais escuro, até o mais retinto, e eu sinto muita falta disso. Às vezes eu acho que as pessoas só querem escrever mulher e homem negro da mesma forma, geralmente fazem mulheres de pele mais clara, negras de pele mais clara, geralmente a mulher ela tem um comportamento X, geralmente a mulher que é mais empoderada”, e eu gostaria de ler mulheres assim que nem Mas eu sinto que deu uma melhorada muito grande nos últimos anos e, principalmente, com autores independentes ou editoras pequenas, porque eu acho que numa editora grande às vezes é muito difícil ainda ver essa representatividade legal ou então a representatividade que tem mais de um personagem. É mais de uma cota, é mais de um arquétipo, sabe? Por livros que realmente tem casal, que são compostos de pessoas negras, ou então a protagonista e personagens secundários também. Às vezes é que nem a Participante 1 falou: é a melhor amiga negra ou então é a figurante. Outra coisa que também me incomoda demais é a personagem que está ali só pra militar, sabe? Que às vezes a personalidade da pessoa é ser militante. sempre são tão empoderadas, nem sempre são tão tipo fodonas, desculpa se não puder usar esse tipo de termo. Eu gostaria de ver essas representatividades diferentes. Por mais que a gente saiba que é necessário falar sobre isso, ninguém fala sobre isso o tempo todo, né? A gente não tem saco pra ficar o tempo todo falando de racismo, de opressão, tananã, e, assim, eu sinto que deu uma melhorada com o passar dos anos. Mas ainda acho que falta demais, tipo o que a Participante 3 falou também em relação ao cabelo. Às vezes eu vejo a pessoa ficar tão preocupada em escrever só sobre a parte do racismo e não lembrar desses detalhezinhas. Por exemplo, que a gente às vezes dorme com touca no cabelo ou, sei lá, que a gente tem que programar o dia que a gente vai sair de casa pra finalizar o cabelo cacheado, esse tipo de coisa. Eu sinto falta de ter esses detalhezinhas menores assim em livros.

MEDIADORA: Aproveitando que vocês estão falando sobre essa questão do negro militante, eu não tinha anotado no meu celular como uma pergunta, mas era exatamente sobre isso, essa questão de toda vez que a gente... toda vez não, mas na maioria das vezes, que a gente lê um

livro e tem um personagem negro geralmente escrito por um escritor, uma escritora branca, ele é o personagem secundário engraçado ou ele é o personagem que milita a cada frase. Eu queria perguntar pra vocês se vocês acham que realmente é necessário? Ou, acho que algumas de vocês já responderam, mas vocês acham que isso é importante, ter aquele negro vítima? Porque é praticamente isso, aquele estereótipo negro vitimizado que todo tempo é um problema, todo tempo tem que lutar contra o racismo. Ou vocês sentem falta de ler um livro onde, ok, eu estou lendo fantasia e eu quero ler sobre fantasia. Eu quero ter um personagem que é uma bruxa e ela vai ser uma bruxa, independente da cor de pele dela. Ela pode sofrer preconceito por ser uma bruxa, não necessariamente por ser uma bruxa negra. Não sei se vocês entenderam, mas vocês acham que é importante a todo momento destacar que o personagem é negro e que sofre discriminação o tempo o tempo todo.

PARTICIPANTE 4: Olha, eu não acho. Pra falar a verdade, eu gosto de ler livros assim, de fantasias, ou até livros cotidianos que não fiquem tocando nesse assunto sempre. É que nem a Participante 1 tinha falado anteriormente. Esbarrar no racismo acontece. Claro que não tem como uma pessoa negra não sofrer ou ter sofrido racismo na vida, né. Só que o tempo todo ou colocando um personagem sendo estereotipado dessa forma incomoda demais, e às vezes dá vontade de parar a leitura justamente por isso, entendeu? Então estereotipar um personagem ou colocar um personagem super empoderado que faz a luta ou colocar um personagem preto sofrendo racismo, que aí vem um branco defender “não, porque não pode”, isso me incomoda demais.

PARTICIPANTE 2: Nossa, nem fala! E, assim, uma coisa que eu acho que quando bota principalmente esse personagem que “é só empoderado, milita o tempo todo, é só lacração”, entre aspas e tal, porque uma coisa que faz a gente gostar do personagem é a vulnerabilidade, é a pessoa ter defeitos, ter qualidades, ter momentos engraçados. E, às vezes, quando bota só um personagem pra ser o tempo todo combativo, o tempo todo tá militando, o tempo todo tá discutindo, a personagem acaba perdendo um pouco da graça, as pessoas acabam até não gostando tanto assim do personagem, na minha opinião. Porque acaba ficando muito plano. Eu sinto que é uma coisa que é roubada do personagem preto. Os outros personagens têm o direito de ter uma historinha diferente, ter um relacionamento, o arco do personagem ser focado em qualquer outra coisa que seja, sei lá, salvar o dia, achar um amor ou derrotar um vilão e tal. E o arco do personagem preto é só sofrer racismo ou superar o racismo, e é muito chato isso. Um dos motivos pra eu gostar de ler fantasia também é um pouco isso, porque foge um pouco dessa coisa. Eu acho que a gente já lida com muitos problemas na vida real com racismo, né? Então

às vezes a gente quer ler coisas só pra escapar disso, pra não ficar pensando nisso, sabe? A gente já vê notícias, já vê casos na internet o tempo todo, é uma coisa bem negativa. Então ver uma pessoa preta sendo feliz, uma pessoa preta se relacionando com alguém, ou só uma pessoa preta, sei lá, sendo um super-herói, é um negócio, sabe? Às vezes é mais empoderador do que criar um uma história que uma pessoa preta vai dar um “fecho” numa pessoa branca. Principalmente se for o caso que a Participante 4 falou, que às vezes a pessoa branca que vai lá e ensina e não sei o que. E isso é um negócio que eu particularmente não gosto muito. Eu até entendo quando tem, eu acho que tem certos contextos que é legal sim colocar, e tal, mas às vezes eu prefiro quando é mais só a pessoa, que nem a Participante 1 falou, só a pessoa preta existindo e a história e ponto.

PARTICIPANTE 3: Eu acho que quando existem personagens desse tipo, quando colocam esses personagens que a narrativa deles, que a personalidade deles é militar, né, eu acho que foge do real, né? Porque é como se pessoas pretas estivessem o tempo inteiro militando, como se a gente não se cansasse, como se às vezes a gente não precisasse falar, tipo, “ah, chega! Não vou responder porque eu tô cansada pra caralho”, sabe? Então é isso, foge do real. Eu pelo menos quero ver pessoas pretas sendo super-heroínas, pessoas pretas amando com certeza, e com certeza um milhão de vezes sendo amadas. Eu quero ver a vida real de fato. Não só o “vou militar porque eu sou uma pessoa preta e eu preciso ser a militância desta história”. E não que não deva existir de forma alguma! Eu gosto de livros também com a temática que falam de contextos sociais, que falam de racismo etc. Mas você precisa ter um contexto, você precisa abraçar um contexto. Não colocar por colocar.

PARTICIPANTE 2: Exato. Eu acho que o contexto é tudo. Tem vezes que vem do nada. Eu já li um livro, eu não lembro qual, que, assim, do nada a personagem começa a militar. Eu fiquei assim, gente, mas da onde saiu isso, sabe? E acaba parecendo... porque, assim, as pessoas já adoram diminuir a nossa luta, já adoram botar como se fosse exagero, como se a gente militasse por nada, como se fosse mimimi, tal, tal, tal. Aí, quando a pessoa representa o personagem que do nada milita, que milita o tempo todo, que milita por tudo, que o personagem não faz nada, nada além disso, eu acho que acaba criando uma caricatura, sabe? Uma coisa da vida real que é super importante, que é super importante a gente falar disso, e acaba transformando numa caricatura, numa coisa forçada. Eu acho que às vezes faz mais mal pra gente do que bem, de verdade. E principalmente quando a pessoa faz isso de forma rasa, quando é uma pessoa que não entende, não pesquisou sobre isso, aí acaba falando, acaba criando um personagem super estereotipado. Enfim, eu tento sempre falar sobre isso meu perfil, quando eu

trabalho com escritores pra tentar alertar, sabe? O máximo que eu posso, pra não ficar essa pra evitar esse tipo de coisa.

PARTICIPANTE 1: Eu acho que, além de concordar com tudo que vocês falaram, parece muito que o escritor tá tentando, sei lá, suprir uma demanda da internet. Porque, assim, as pessoas nas redes sociais tão sempre assim: “não, a gente precisa de representatividade”. A gente precisa realmente de representatividade nos livros, e aí quando ele coloca o personagem preto ali, sem nenhuma história por trás, nenhum arco, o arco dele é a militância, é ser combativo. “Ah, mas olha só, tem um personagem preto aqui. Estão reclamando do quê?” Sabe? É só pra cumprir tabela. Porque não tem, é literalmente pra cumprir uma demanda das redes sociais que agora estão metendo o pau em produções que não abraçam a todas as pessoas. É basicamente isso.

MEDIADORA: Vamos falar de vocês como escritoras. Vocês colocam personagens negros nas histórias de vocês? Como vocês criam? Vocês acham importante ter esse protagonismo negro? Porque, por exemplo, não sei se vocês conhecem a Brittainy Cherry, ela é uma autora negra que é publicada pela Record. E se vocês forem ler os livros dela, que são de romances, a maioria das protagonistas não são negras. Ela fala que não acha que por ela ser uma mulher negra ela não acha que ela é obrigada a colocar. Eu queria primeiro que vocês respondessem se vocês acham que vocês, como mulheres negras, são obrigados a tocar nesse assunto e a todo momento, toda história que vocês fazem, vocês colocam personagens negros, e esses personagens que vocês fazem, quando eles são negros, quais são os cuidados que vocês tomam?

PARTICIPANTE 3: Eu acho que uma escritora, um escritor negro, não é obrigado a nada. Tipo, é o que vem do coração etc. Só que agora falando pessoalmente, de acordo com as minhas vivências e etc., o tanto que eu senti falta de representatividade no meio literário, de diversas representatividades, foi a mesma coisa que me impulsionou a escrever fanfics depois de um tempo. O que eu acho que está faltando aqui? Então se eu não vejo em outros lugares, eu vou escrever sobre. O que eu acho que está faltando no mercado de produção literária? Ah, mulheres negras sáficas. Então eu vou escrever sobre mulheres negras sáficas, vou escrever sobre caras pretos que podem ser amados e amar com delicadeza outros caras, porque a gente tem um estereótipo da masculinidade e tem que ser, tipo, o homem preto é másculo, e tananã... Não. Por quê? Sabe? Então eu quero escrever sobre caras pretos que amam a outros caras pretos e são delicados e são sensíveis e que podem ser amados. É o que eu busco colocar sempre nas minhas escritas. Mas aí, eu lembrando agora de quando a Myla me fez o convite etc., pensando em fanfic e ser uma mulher negra, e eu fui revisitar na memória as minhas primeiras fanfics e

as primeiras são fixas que eu escrevia, e não tinha *uma* representatividade. Aí, eu fiquei, “meu Deus, como é que eu vou falar sobre isso? Ai, meu Deus. Ai, meu Deus!” Mas é isso gente, eu era uma criança de 15, 16 anos, as minhas vivências elas não eram profundas. Eu questionava sem saber como questionar, sabe? Tipo, “nossa, está faltando alguma coisa nesse livro... O que é?” Não sei e sigo a minha vida. Eram coisas que eu escrevia com base nas coisas que eu observava nos livros que eu lia. Então, tipo, eu, Participante 3 de 15 anos, lia livros sem protagonismo preto, livros de romance etc. Então era meio que a minha base, sabe? Tipo, vou escrever com base nisso que eu estou lendo e vou fazer este mundo de um jeito que tem que ser feito. Porque quando você passa a sua vida lendo coisas com um padrão, com o padrão branco, hétero e cis, eu acho que, suposições assim, mas é de se imaginar que essa seja a regra, né? Literatura tenha que ser branca, cis e hétero. Então era o que eu escrevia, até começar a me questionar e ver outras coisas e falar, mano, será que eu posso? E tentar.

PARTICIPANTE 2: O que me fez começar, porque, que nem a Participante 3, as primeiras coisas que eu escrevi, eu tinha, sei lá, 13, 14 anos, eu não me importava também com isso. Porque o meu referencial era só personagens brancas, personagem branca adolescente e padrão. Padrão, assim, no sentido que eu digo de ser magra, olhos claros, cabelo liso, tananã. E eu lembro que um episódio em específico que me deixou pensando sobre isso foi na época do Tumblr, acho que foi quando teve a peça do Harry Potter daquela história seguinte do Harry Potter, que se passa anos depois, as pessoas começaram a jogar muito ódio pelo fato da atriz escolhida pra peça ser negra. Só que as pessoas começaram a falar sobre como não teve essa representatividade negra e poderia ter tido da Hermione. A Hermione poderia ser facilmente uma personagem negra. Muita gente falava que, de certo ponto, até fazia sentido, mas ela não foi descrita assim. Apesar de, né, de ter falado que “ah, ela pode ser ou não ser”, mas se eu não ser não é. Se quisesse ter escrito ela como negra, teria escrito ela como negra. E eu fiquei pensando na diferença que teria feito na literatura, pra meninas negras, se uma personagem tão importante quanto a Hermione fosse negra, sabe? Teria feito toda a diferença do mundo A gente já estaria há anos luz de representatividade. Só que não aconteceu por quê? Por falta de interesse. E eu sinto e eu comecei a ver isso. Que pra escrever eu acho que precisa existir esse interesse em criar personagens pretas. E muita gente não tem esse interesse. E eu comecei a fazer essa questão de sempre quando eu posso botar personagens, não só personagens pretas, personagens asiáticos, personagens de outro padrão de corpo, personagem LGBTQ, criar o máximo de variedade possível dando os personagens e tentar fazer de forma natural, sabe? Tipo, só botar o personagem ali pronto, aprofundar, né? Mas num ter essa sensação de cota,

sabe? Botar porque tem que botar e as pessoas são diferentes. E foi uma coisa que esse episódio em particular me pegou muito. De pensar assim “caramba, ela podia ter sido negra e não foi!” E todos os personagens, todos os livros que eu li não tinha quase nenhum. Outro episódio que me marcou muito foi quando saiu os Jogos Vorazes, que é a minha saga de livros favorita, e na época que saiu o filme muita gente ficou sendo racista por causa de uma personagem, a Rue, que é a menininha. Falavam “eu li ela no livro, e eu não imaginava ela sendo preta”, sendo que estava descrita ali, dava pra ler certinho que ela era negra, e as pessoas se incomodaram com isso tacaram *hate* na atriz. E é um negócio muito estranho, é muito bizarro as pessoas terem toda essa raiva. Como está acontecendo hoje em dia com a Ariel, né, que está um super bizarro. Eu acho que é muito importante a gente criar, a gente naturalizar, pra ver se as pessoas saem disso, sabe? Porque, 2023, e ainda tem gente que se incomoda num personagem ser negro? Uma amiga minha estava até me falando outro dia, ela é escritora, e ela disse que o livro dela que tem uma capa do livro com um personagem, é um homem negro, é o livro dela que menos vende. Ela disse que ela conhece outras pessoas que também relatam isso e quando tem uma pessoa preta na capa do livro, vende menos do que quando tem uma pessoa branca. Enfim, é por causa dessas coisas assim me senti, não obrigada, mas eu acho que, eu faço essa questão de botar sempre personagens negros, sempre tentar fazer personagens negros legais, bem pensados, sabe? Que sejam empoderados de uma forma ou de outra. E que também sejam mais do que esse estereótipo, do personagem militante, do personagem agressivo, que nem a Participante 3 falou, sabe? Eu tento sempre criar isso porque, sei lá, acho muito importante. Acho muito importante.

PARTICIPANTE 4: Isso, eu também concordo com as meninas. Antes, né, quando eu comecei a escrever, lá pros 16, 17 anos, minhas personagens também eram brancas. Eu não tinha essa preocupação. Mas a gente vai passando pela vida e vai percebendo. Acho que quando você lê um livro e você não se identifica com o personagem é aquele momento que você fala “por que que não existe uma mulher preta empresária?” ou “por que que não existe uma mulher preta psicóloga?”. Esse tipo de coisas vinha me incomodando. Foi quando eu falei, “não, eu quero escrever histórias com personagens pretos!” Então hoje eu escrevo somente com personagens pretos, mas não acho que seja uma obrigação. Acho que cabe tocar no coração de cada um, entendeu? Se a pessoa acha que é necessário escrever, ela deve escrever sim. E é isso gente, as meninas falaram bastante, e eu concordo com tudo que elas falaram.

PARTICIPANTE 1: É, então, eu concordo com tudo das três. Realmente eu não tinha essa preocupação quando eu comecei naquelas primeiras fanfics. webnovelas, lá pelos treze,

quatorze anos, e hoje em dia, realmente, eu tento suprir aquilo que eu não tive. Essa representatividade que eu não tive. Então eu tento escrever com mulheres pretas protagonistas, e é muito curioso; eu tenho a mania de dizer que os meus personagens eles falam na minha cabeça, né, enquanto eu estou escrevendo, e a partir do momento que eu entendi que a voz que estava falando comigo não era uma voz parecida com a minha eu pensei “Tá, ok, eu preciso ter uma voz mais parecida com a minha, mais próxima, pra eu poder entender o que aquele personagem tá sentindo”. Porque eu consigo, sei lá, eu consigo descrever o que uma personagem branca está sentindo num livro, porque eu li muito, boa parte da minha estante tem personagens brancas, porque foi o que a gente consumiu durante a infância, adolescência e tudo mais. Mas quando eu estou descrevendo o que uma personagem preta está sentindo, é muito mais profundo pra mim. E eu sinto que eu consigo descrever com muito mais, não é facilidade, mas com muito mais sentimento. Às vezes porque eu já passei por aquilo ou é um lugar que me atravessa, é uma coisa importante, mais importante pra mim porque é uma situação que eu posso passar algum dia se for uma cena um pouco mais pesada, né? Ou uma coisa relacionada a racismo ou algo assim. Então, sim, isso faz diferença. Isso fez diferença também nas minhas leituras, no que eu decidi começar a ler como fanfic. Porque no Fanfic Obsession, por exemplo, a gente coloca o nome pra ser mais interativo, e eu não me via como “Participante 1, branca de olhos azuis e cabelos lisos ao vento, magra, tamanho 34 de roupa...” não via nada disso. Então eu achei que estava na hora de mudar e eu tenho tentado mudar bastante nas minhas escritas também.

MEDIADORA: Continuando nessa fala do personagem, a gente também entra na questão da característica física. A gente sempre vê posts sobre a questão dos termos que são utilizados pra descrever uma pessoa negra. No caso, as características físicas dessa pessoa. Temos exemplos de vários termos estranhos: ou ele é comparado com uma comida ou termo para descrever a cor de pele dele é sempre duvidoso. A Participante 2 já fez um post sobre isso no perfil dela, achei muito interessante, inclusive, recomendo! Mas, enfim, como é esse processo de descrição das características do personagem para vocês? Tipo o que que vocês fazem pra que uma leitora se sinta representada e tenha essa identificação de forma positiva?

PARTICIPANTE 1: Pergunta difícil essa aí, hein? Deixa eu ver... Eu cresci muito com o estereótipo da morena, né? “Ai, nossa, pessoa morena e não sei o quê” e ficava por aí. Ficava no morena e nunca descrevia muito mais do que isso. Eu tento primeiro usar a palavra preta ou negra na descrição. Eu acho que são palavras importantes e eu acho que muitas pessoas têm medo de usar essas palavras. Muitos autores têm medo de usar preta ou negra pra falar de

alguém e... eu não sei, você realmente me pegou com essa pergunta! Eu nunca parei pra pensar em como eu descrevo. Vou ler as minhas histórias e te aviso depois.

MEDIADORA: Tudo bem!

PARTICIPANTE 4: Então, como a gente escreve pra sites de *fanfic* interativa, eu não chego a entrar em detalhes com o tom de pele, até porque pra deixar interativo com o que o personagem, pra que pessoa que esteja lendo, ela se sinta introduzida ali. Mas assim, se fosse pra descrever, eu acho que eu colocaria ligado a noite ou, sei lá... estou pensando aqui também, porque a pergunta me pegou! Eu nunca publiquei nada que eu precisasse entrar nesse detalhe. Ou a não ser chamando de negra, preta, utilizando essas palavras mesmo.

PARTICIPANTE 2: Myla, vou te falar que, assim, quando eu fiz esse post, cara, foi muito difícil! Porque é muito difícil achar referência disso em português. Eu tive que caçar em site gringo pra ver essas referências, e tinha muitos termos que eram difíceis de ser traduzidos. E essa coisa de comparar com comida era uma coisa que eu não achava nada demais, até ler mais sobre isso e ver que realmente é um negócio meio esquisito, sabe? E é uma coisa que fazem muito mais com personagem de cor, com personagem negra, personagem marrom, do que fazem com personagens brancas e que às vezes fica meio estranho. Porque falam “ah, é a cor do chocolate, do caramelo e do não sei quê”, e, realmente, se você for ver, dependendo do contexto, fica meio, sei lá, parece que é uma pessoa de comer, né? Um termo que eu achei muito legal, que foi até nesse livro que eu comentei, que descreve a pele da pessoa como castanha. Gente, eu achei tão elegante! Achei uma palavra tão legal! Que nem a gente fala que o cabelo é castanho, que o olho é castanho, e eu gosto de usar essa palavra. Eu gosto de falar também que a pessoa tem a pele negra ou a pessoa tem a pele marrom, que a pessoa é negra de pele clara, é uma pessoa retinta, sabe? Descrever a textura do cabelo, falar se a boca é grande ou não, ou falar que a pessoa tá alisando o cabelo. Tem uma personagem de um livro que ainda vai demorar pra sair, mas a história se passa nos anos dois mil, então fala que ela alisa o cabelo. Por pressão estética. E também tem uma outra personagem que eu gosto que ela gosta de trançar o cabelo. Mas essa parte de escrever a pele é muito difícil e tem muita gente que tem medo. Como a Participante 1 falou, medo de escrever errado, como se escrever que a pessoa é negra ou preta fosse ruim. Não, é o termo normal. Se você fala com uma pessoa branca, você não tá descrevendo mal, né? E as pessoas têm muito medo também de usar morena, parda... Assim, eu não acho que tem uma resposta certa pra isso, eu nem gosto de dar muito pitaco nessa situação, porque é uma questão muito complicada, é muito além da literatura, né? A questão aqui do Brasil é que até pouco tempo atrás todo mundo usava o termo parda, e hoje em dia tem

essa discussão. Então não acho que tem um certo ou errado pra isso. Mas eu gostei muito dessa palavra castanha ou então que nem você falou, a cor da noite. Ou então comparar, por exemplo, quando a pessoa negra tá usando uma roupa clara, uma roupa branca, e falar que a roupa tá contrastando, eu gosto de fazer essas coisinhas assim, sabe? Mas eu gosto sempre de dizer, tipo, quando a pessoa é negra por causa desse negócio que eu falei da Hermione. Porque eu achei muita sacanagem fala, “ah não, ela poderia ser preta!”, mas ela não era. Tipo, se quisesse descrever ela como negra, pô, descrevia até a poeira que tinha no lugar, mas não vai descrever a cor duma personagem principal? Se quisesse descrever teria descrito! Eu gosto sempre de escrever. Nem que seja só botar “fulana, era preta”. Eu gosto de botar.

MEDIADORA: Gente, eu só vou interromper um pouquinho, porque faltam poucas perguntas, mas o Google tá avisando aqui que tem dez minutos apenas pra acabar essa reunião, eu vou mandar um novo link.

PARTICIPANTE 2: Tá bom, amiga.

Interrupção - fomos para outra sala do Google Meet para continuar a conversa.

PARTICIPANTE 2: Oi, gente. Desculpa, eu tô falando muito, é que eu tô meio nervosa.

MEDIADORA: Gente, nada disso.

PARTICIPANTE 4: Que nada! Continua ajudando o trabalho dela, por favor, hein.

MEDIADORA: Isso, me ajudem! Podem falar. Participante 3, você queria falar?

PARTICIPANTE 3: Eu queria falar. Eu queria primeiro complementar o que a Participante 2 falou sobre a Hermione não ser descrita como negra e depois a J.K. Rowling aparecer falando “não, mas eu sempre imaginei a Hermione como negra”. Mas aí a gente pega um trecho que ela descreve um personagem que é negro, que no caso é o Dino, dentro dos livros. Então ela quis descrever um personagem negro e por que ela não fez isso com Hermione? E aí já entra na sua pergunta, que é tudo é uma questão de como você visualiza o seu personagem. Se você visualiza o seu personagem como personagem negro, você provavelmente vai descrever ele como negro. Enfim, é uma pergunta difícil mesmo. Eu estava pensando enquanto as meninas estavam falando: acho que a primeira vez que eu me questionei sobre isso de fato foi quando eu li um livro chamado *Fique Comigo* da Ayobami Adebayo, é um romance, não me lembro de qual país da África que ela é, mas, enfim, é um romance que se passa em algum país da África, e ela descreve os personagens. E é muito bonito como ela descreve a pele dos personagens, eu não vou me lembrar exatamente como ela faz isso agora, mas era muito bonito.

Eu lembro que eu fiquei muito encantada com a forma dela de descrever os personagens negros. Tanto os negros de pele mais escura quanto os negros de pele mais clara. E agora eu estou no meu processo de escrita, eu inclusive estava numa reunião agora de escrita com um amigo que escreve comigo, e aí pensando que o nosso protagonista é negro, pensando nas formas como a gente descreve ele no decorrer da narrativa, etc. Uma coisa que eu fiquei pensando: quando a gente se depara com personagens brancos e o autor quer que a cor da pele dele seja ressaltada como branca, ele compara com porcelana, que é aquela coisa muito bonita, porque porcelana é uma coisa muito bonita, delicada. Então, “meu personagem branco com a pele de porcelana”, ponto. O que eu, como escritora, e como pessoa, acho bonito na cor preta? Me deparei com um “obsidiana”, que é uma pedra escura preta, que é uma pedra muito bonita. Então se o meu personagem tem a pele escura, muito escura, ele pode também ser comparado a pele de obsidiana, sabe? Porque é uma coisa bonita, é uma coisa preciosa. Eu acho que é o meio como a Participante 2 também falou, comparar com a noite, que é uma coisa bonita, negro como a noite. Ou o básico, que é o que as pessoas deveriam estar acostumadas: a pessoa de pele negra, a pessoa preta. Que é o que eu uso bastante, tipo, preto e negro. É isso, né? A gente precisa naturalizar. Eu entendo que exista receio com autores do tipo “ah, se eu escrever preta ou se eu escrever negro vai soar ofensivo”, mas são coisas que a gente tem que desmistificar. Por que não? Vai causar um choque no meu leitor? O meu leitor que lide com isso!

MEDIADORA: É porque parece que você falar que uma pessoa é preta ou negra, você está desmoralizando ela, né? Eu lembro que direto assim me perguntavam, “você fica chateada se eu falar que você é preta?” e eu ficava, tipo, não!

PARTICIPANTE 3: *[risos]* Não, eu sou!

PARTICIPANTE 2: Ou então é aquela coisa, “você não é negra, você é moreninha”.

PARTICIPANTE 4: Eu que sou negra de pele clara escuto muito isso. “Nossa, mas você é branca.” Alguns falam isso pra mim... Eu fico, gente, não, eu não sou branca, eu sou preta. Aí tem que explicar pra pessoa que tem vários tipos de tonalidades, enfim. Tem gente que acha que eu sou branca. Eu fico assustada. Não, eu não sou, entendeu?

PARTICIPANTE 3: E é uma questão também que vale pensar não só pra personagens negros, né? Por exemplo, personagens asiáticos, que não são pessoas brancas também. Asiáticos não se reconhecem como brancos, então não são pessoas brancas. E como é que a gente vai descrever um personagem asiático? A gente vai descrever como? Foi um trabalho de pesquisa que eu tentei fazer pra chegar a algo que não fosse ofensivo, que não saísse do que é um personagem asiático. Aí entram os lances de descrever traços também, mas como é que a gente

descreve traços de uma pessoa asiática? Olhos rasgados? Não! Como é que a gente chega numa coisa que na literatura seja de alguma forma poética e não ofensiva e bonita, enfim.

MEDIADORA: A questão do asiático é que tem vários tipos de pessoas asiáticas, né? Porque a gente sempre pensa assim que se o personagem é asiático, tem aquele padrão do rosto mais japonês. Mas a gente tem sul asiáticos, que são totalmente diferentes, o pessoal das Filipinas e tal. Eu acho que é um pouco do que a Participante 4 falou. Tem vários tons, várias pessoas numa raça só e às vezes acaba unificando tudo, o que também pode ser um problema.

PARTICIPANTE 2: Sim, e eu acho que é ruim aquela coisa da cota quando só colocam um personagem negro na história inteira e o personagem é o figurante do figurante. E assim não dá pra mostrar, se só tem um personagem preto, não dá pra mostrar a diversidade. Só vai aparecer ou o preto de pele clara ou preto de pele escura, ou vai ter que ter um cabelo assim ou assado, ou vai ter que ter um comportamento assim ou assado. Você bota dois personagens, aí já dá pra comparar. Falar “oh, a pele de fulano é mais clara do que a do ciclano.” “Fulana gosta de alisar o cabelo enquanto a outra gosta de usar o cabelo black power ou então gosta de fazer trancinha”. Eu sempre bato nessa tecla, sabe? De que é bom ter pelo menos mais de um personagem preto pra criar essa diversidade, porque senão todo mundo faz sempre o mesmo personagem. Só tem um personagem com um tom de pele, um cabelo, um posicionamento e acaba ficando meio sem graça, né? Olha, nessa conversa mesmo tem pessoas de tom de pele diferente, todo mundo é negro, todas nós somos negras, mas são tons de pele diferente, cabelos diferentes, e dava pra eu descrever todas nós de formas diferentes. Mas se só tivesse uma de nós, só iria representar uma de nós, né? Aí não é muito legal.

MEDIADORA: Alguém tem mais alguma coisa pra falar sobre esse tema? Acho que a gente falou bastante agora! Estamos entrando na última parte da nossa conversa, que é mais sobre o mercado editorial. Primeiro, eu queria saber se alguma de vocês já publicou algum livro. Se sim, como foi o processo e qual foi a editora? Alguém já publicou alguma coisa? Aqui. De forma independente? Não. Tá, tudo bem. Até pouco tempo atrás, eu nunca tinha visto uma escritora negra. Agora eu vejo porque eu trabalho numa editora, e mesmo assim, tem muito pouco. Vocês acham que é importante você ver uma outra pessoa fazendo a mesma coisa que você faz e servir de inspiração porque ela é parecida com você? Vocês tiveram essa inspiração?

PARTICIPANTE 2: É...

PARTICIPANTE 1: Foi mal, Participante 2. Pode falar primeiro.

PARTICIPANTE 2: Não, pode falar. Viajei aqui.

PARTICIPANTE 1: Então, eu também tô dentro do mercado editorial e eu ainda acho o

mercado editorial muito branco. Um espaço muito branco, muito difícil de você se ver ali dentro. Minhas inspirações... no momento, da profissão, são brancas, porque foram as que vieram até mim e foram as que eu conheci, foram profissionais muito boas, mulheres, todas mulheres pelo menos! Mas são todas brancas. Eu acho que é muito importante você se ver no mercado, eu acho muito importante você se ver, se eu estiver falando de outra coisa, me corta, tá? Pelo amor de Deus! Eu acho muito importante você se encontrar no que você escreve, aonde você tá, no mercado editorial, na publicação autoras negras favoritas. Minha autora negra favorita no momento é do mercado nacional, ela tem um livro publicado, é a Solaine Chioro, ela publicou *Reticências*. O livro é muito bom! Eu tenho o livro aqui em algum lugar, a estante tá enorme. Peraí, eu vou falando enquanto eu vou pegar. Esse livro é um livro de protagonismo negro, ela é uma autora negra, deixa eu abrir a câmera aqui, é esse aqui, o nome do livro, *Reticências*. Eu li primeiro no Kindle, depois ela foi publicada pela Editora Alt e é um livro de comédia romântica. Ela é uma das escritoras nacionais que me pegam bastante, porque ela tem uma escrita muito boa. Ela é novinha também, ela deve ser mais ou menos nossa idade, ou um pouquinho mais nova. Mas eu acho que eu botaria ela no meu rol de escritoras favoritas. E daí a gente vai pra outros nomes, pra Djamila, tipo, Angela Davis, Conceição Evaristo, nas aí a gente está a gente vai pra nomes muito grandes, né? Então eu botaria o nome da Solaine como uma das minhas escritoras do momento preferidas. Tem outras, te passo depois porque eu tenho que lembrar o nome, são escritoras que estão sempre preocupadas em colocar representatividade, e o tipo de representatividade que a gente comentou aqui, que são representatividades que mostram que pretos podem ser felizes também. Podem ter histórias felizes que não necessariamente precisam falar sobre racismo e nem nada do tipo.

PARTICIPANTE 3: Participante 1, eu quero também o nome das escritoras, tá bom? Eu estava pensando aqui e não foi um pré-requisito da pergunta, mas eu acabei pensando isso numa bolha mais fechada, então eu acabei pensando em um autor nacional mais moderno. De escritor favorito, eu não encontrei uma mulher. A pessoa que eu pensei, nacional, publicado recentemente, que tá começando a trilhar o caminho agora e que eu me inspiro é o Juan Julian. Ele escreveu *Querido Ex* e *Maldito Ex*, que são livros que falam de um relacionamento de um cara preto com um cara branco, e como é se deu isso. É uma comédia dramática, por assim dizer, porque eu chorei pra caramba, mas é um escritor que eu que eu me inspiro. Isso porque ele é um escritor jovem, meio que saiu, entre muitas aspas, “do nada” e escreve livros com temáticas que eu gosto muito que é a temática LGBTQIA+, e que tem personagem preto, o que é muito bom, precisa ser divulgado no mercado. Ele foi publicado pela editora Galera e ele

acabou de publicar um livro que se chama *Viralizou*, que fala de um apocalipse zumbi no Rio de Janeiro e a protagonista é uma funkeira preta. Eu já fiquei “meu Deus, bom demais!”. Mas saindo um pouco disso, ainda no nacional, eu penso muito em Conceição Evaristo, porque Conceição Evaristo é divina, sabe? Uma poesia maravilhosa, com coisas maravilhosas e relatos maravilhosos. Eu sou muito apaixonada pela Conceição. Saindo do âmbito nacional, eu ando muito fissurada na Octavia E. Butler que escreveu *Kindred*, e eu também li um livro de contos dela chamado *Filhos de Sangue e Outras Histórias*, e que mulher divina! Ela escreve ficção científica, que é aquele negócio: é o preto vivendo. Independente do universo em que ele viva. Ela escreve ficção científica, então tem preto alienígena, por exemplo, num universo com alienígenas. E eu acho isso fascinante, porque mostra que a gente pode colocar pretos em diversas narrativas, seja fantasia, seja ficção, seja livros de terror, enfim. Então, eu tô muito fissurada na Octavia E. Butler, ela é maravilhosa!

MEDIADORA: Mandem o nome dos autores que vocês estão citando por escrito, por favor, gente!

PARTICIPANTE 1: Eu enviei. Tô colocando aqui três instagrams no chatzinho. As duas primeiras são as alturas que eu comentei, elas escrevem principalmente na temática *hot*, e eu sou apaixonada por livros *hot*, então elas escrevem basicamente sobre isso. E a Solaine, que foi que eu citei, está aqui embaixo também.

PARTICIPANTE 2: Ai que maravilha! Porque eu também gosto de livro *hot*, e às vezes dá aquela vontade de ler, mas assim, livro *hot* só tem branco, né? Com certeza eu vou procurar, porque é um negócio que faz muita falta.

PARTICIPANTE 1: A Daniele Viegas faz livros, geralmente, com casais interracialis, e a protagonista sempre, sempre, sempre, é uma mulher preta.

PARTICIPANTE 4: Beleza, já tô anotando os nomes também, meninas, porque eu também leio poucas autoras negras. Mas pensando em alguns nomes que eu comecei a acompanhar recentemente, uma autora nova é a Arquelana. E ela é uma autora negra, veio do Fanfic Obsession e agora ela publica livros também. Não sei se vocês já ouviram falar dela. Ela escreveu um sáfico recentemente, onde uma das personagens principais era negra. Tem outro livro que ela escreveu que eu gostei bastante, só tenho que lembrar o nome... acho que eu esqueci, depois eu juro que eu procuro, tá? E tem as clássicas também, né? Conceição Evaristo, que eu gosto bastante, e a Carolina Maria de Jesus. Elas são maravilhosas!

PARTICIPANTE 2: Eu gosto muito da Tomi Adeyemi, que é a autora de *Filhos de Sangue e Osso*. E assim, ultimamente eu tenho lido muitos livros nacionais, até pra divulgar no meu

perfil, e uma autora que eu gosto muito é a Lily Lua, ela escreve livros tanto com representatividade negra quanto representatividade LGBTQIAP+. Teve um livro recentemente de uma autora que eu descobri, o nome dela é Vanessa Pérola. Que o livro assim, eu fiquei apaixonada pelo livro, é um livro de amor afrocentrado, e uma outra autora também que eu gosto muito, não só pela escrita dela, mas pelo trabalho que ela faz nas redes de criação de conteúdo é a Dayane Borges, que eu até falei com você, né, Myla, sobre ela? Porque assim ela faz um trabalho incrível nas redes, sabe? Sobre isso, falar sobre representatividade; ela também tem um livro que é inspirado em uma figura histórica negra que ela até escreveu bem inspirada no musical de Hamilton, então é muito legal essa história.

PARTICIPANTE 3: Eu já escutei um podcast com a Dayane e ela é maravilhosa, maravilhosa.

PARTICIPANTE 2: Sim, eu acho o trabalho que ela faz incrível. Ela sempre fala do que falta no mercado. Eu gosto muito também da Ane Costa, ela escreveu um livro, ela tá escrevendo a trilogia que é sobre uma brasileira que sai do Brasil, que ela é negra e vai pra Inglaterra, e de lá ela começa a lidar com a situação tanto da parte racial quanto da xenofobia. Eu acredito que seja um pouco baseado em experiência pessoal, porque ela mesma mora fora do Brasil. E eu gosto muito também da escrita dela, sabe? Ela escreve muito, muito bem, e assim, autora internacional, eu tenho que ler Octavia E. Butler! Eu tô pra ler já há muito tempo, mas eu acabei lendo só livro nacional recentemente, acabei não tendo muito tempo pra ler. É muito bom ler representatividade que também misturam outras coisas, sabe? Tipo, ler representatividade preta e gorda, representatividade preta e LGBT... é muito bom ver isso. Eu vejo muito mais em autores independentes, e em editoras tipo a Se Liga, e tal, que são editoras menores, mas editora tradicional, não. Eu não sei se é também porque eu tô mais nessa bolha, mas eu acabo não vendo tanto assim. Eu sinto falta.

PARTICIPANTE 3: Eu acabei de lembrar de mais uma, que é nacional também, é a Englantine. L. S Englantine, que ela também escreve romance sáfico com personagens negros. Ela é negra também, ela escreveu um chamado *Até o Último Floco de Neve*, que é a história de duas meninas que não moram no Brasil, então elas moram num lugar que tem neve, e aí tem rolê de patinação no gelo. Então são “sonhozinhos”, sabe? A gente vê na TV gente patinando no gelo, e ela colocou personagens pretas fazendo isso, então é muito gostosinho também.

PARTICIPANTE 2: Eu gosto da Englantine também, ela é muito legal. Eu cheguei a fazer um evento com ela, uma roda de conversa com ela, e outras autoras falando sobre temas LGBTs, e pô, ela é muito legal.

MEDIADORA: Voltando a essa questão da editora, gente, eu queria falar um pouco sobre

essa questão da comercialização da negritude. Eu acredito que a Participante 1 talvez passe por isso, mas quando você trabalha em editora, é comum ver em reunião de cota surgir um interesse repentino em autores negros quando chega perto de datas como Dia da Consciência Negra. Autores que foram jogados de lado o ano inteiro. Depois que passa, ele é esquecido novamente. O que vocês acham dessa comercialização, que não acontece só em editoras, como a gente sabe, mas vamos falar disso dentro da literatura.

PARTICIPANTE 3: Ai, gente, até no Instagram, né? No meio da galera que é *book influencer*. Esses dias surgiu uma polêmica, eu não me lembro qual foi a editora, mas ela abriu parceria, tal, e aí questionaram “mas só tem gente branca no seu time de parceiros?”

PARTICIPANTE 1: Foi a Intrínseca, não foi?

PARTICIPANTE 3: Intrínseca, exatamente! Questionaram, “mas só tem gente branca no seu time de parceiros?” E aí tipo, depois de meterem muitos questionamentos assim, uma moça branca foi falar sobre também nas redes sociais. Mas só que precisou essa moça branca falar pra eles falarem “hum, só tem gente branca. Vamos fazer alguma coisa”. Aí eles abriram mais o leque, escolheram novos parceiros e depois fizeram um texto do tipo “porque a editora, pensando na diversidade, não sei o que, agora resolveu fazer parceria com mais pessoas pretas”, então todo o grito da galera preta, olha a gente aqui, foi ignorado. E pareceu que a editora era superconsciente, “nossa, pensamos sozinhos nisso, e agora vamos contratar, contratar não, pegar para o time de parceiros pessoas pretas também”, sabe? Então ainda é aquilo, né?

PARTICIPANTE 2: É só pensando na diversidade, não é pensando na pessoa como pessoa, é tipo “a gente tem que botar a diversidade porque o pessoal tá reclamando, então vamos botar gente preta pra ter diversidade”, isso que eu acho chato, né? Tipo, tinha que considerar igualmente como se considera uma pessoa branca, né? Não tinha que ser só em nome da representatividade. Mas é complicado. E eu acho que acabamos ficando muito assim, é só tipo “ah, só fale sobre escrever personagens pretos” e “só fale sobre o que pode e o que não pode fazer”, ou então “só dê dicas relacionadas a diversidade” e às vezes a pessoa quer falar sobre outras coisas também, sabe? Eu tento sempre trazer esse assunto pro meu perfil. Chega no mês de novembro, porque infelizmente tem muita gente que não fala nada no mês de novembro sobre a Consciência Negra, tem gente que não fala absolutamente nada. Então eu tento sempre falar, nem que seja boa parte do mês, ou o mês inteiro, e durante o ano também indicar livros, não indicar o livro porque tem representatividade preta, eu vou recomendar porque o livro é bom, sabe? Ele é bom e tem representatividade preta, então eu vou indicar ou então indicar o livro de autores pretos que escrevam até sobre personagens brancos, mas que estejam lá

escrevendo. Ou fazer colaboração com autores negros, mas que falem sobre outros assuntos também. Porque eu acho que senão a gente acaba ficando muito limitado. Tipo, gente, eu tenho que falar sobre ser preto. Aí eu acabo não falando só disso o tempo todo. Mas eu acho que é muito importante assim. Mesmo que às vezes seja só pela média, eu acho que é melhor pelo menos falar do que não falar nada. E tem vezes que eu vejo que não se fala absolutamente nada, não se faz nenhum esforço pra divulgar livros, divulgar autores, divulgar criadores de conteúdo. Foi até uma coisa que surgiu, acho que por causa dessa polêmica mesmo, das com a parceria que eu nem fiquei sabendo, eu só fiquei sabendo das pessoas falando, mas eu não sabia da onde vinha a fofoca. As pessoas estavam falando que é muito mais difícil um criador de conteúdo negro ter visibilidade. E assim, eu até demorei pra mostrar a minha cara por causa disso. Por um bom tempo eu não botava nem a minha cara no perfil. Primeiro por timidez, eu não gostava, eu queria ter esse certo mistério, e também porque eu tinha um pouco de medo, sabe? De sofrer preconceito ou de não ser tão levada a sério. Isso foi uma coisa que foi um processo pra mim. Faz muito pouco tempo que eu botei minha cara lá e tem muita gente que eu acho que nem devia saber que eu era negra nem nada. Quando eu falava sobre personagens negras eu me botava como parte, mas acho que muita gente não se ligava, até eu botar a minha cara ali e todo mundo ver, mas isso é uma coisa que é chata, né? Eu tenho esse medo de me expor, às vezes. Num ser tão bem vista, tão bem tratada, só por não ser branca, é complicado isso.

PARTICIPANTE 1: Essa comercialização é muito grande, né? O mercado editorial é muito branco, e eu tive o cuidado, ano passado, antes de novembro chegar, de começar a falar “gente, mas a gente não tem que botar só preto no feed em novembro não. Vamos começar antes, né? Vamos falar um pouquinho antes, vamos dar visibilidade pra eles antes.” Mas o curioso é que são poucos pretos os publicados, e aí também dificulta a situação. Ou então o livro do autor preto não é tão importante assim pra editora do que do autor branco, o que também complica. Eu estava lembrando, não sei se a Participante 4 vai lembrar disso, eu acredito que você tenha participado desse post também, no #LeiaPpsPretos que rolou lá em 2020. Eu fui por descargo de consciência só olhar quando é que rolou esse post, e foi em novembro, obviamente, de 2020. Eu entrei na hashtag pra ver se eles tinham feito alguma coisa em 2021 e em 2022, e eu não achei. Então essa coisa pontual, só pra ter aquela cota me irrita muito. E mais do que me irritar, me deixa muito triste. Porque tem tanto autor preto com qualidade editorial e com qualidade textual que devia estar sendo vangloriado. O Juan, como a Participante 3 falou, o Juan é maravilhoso. Ele estudou comigo no colégio, no mesmo colégio, não na mesma turma, e depois eu entrevistei ele pra um trabalho de faculdade.

PARTICIPANTE 2: Que legal!

PARTICIPANTE 1: Ele foi super aberto, super solícito. O *Querido Ex* e o *Maldito Ex* são maravilhosos, não li o *Viralizou* ainda. Mas tem tanto autor preto com qualidade e que deveria estar sendo exaltado todos os meses do ano, mas acabam não tendo protagonismo, não tendo voz, não tendo espaço. E essa coisa dos produtores de conteúdo que a Participante 2 falou, realmente, faz muito sentido. Eu lembro que teve essa situação dos criadores, principalmente do *BookTok* que é o que eu mais acompanho, falando que não estavam tendo alcance o suficiente, e alguns produtores brancos estavam tentando puxar produtores de conteúdo pretos para as suas plataformas pra mostrar os vídeos deles e eles terem algum tipo de alcance. Isso vai pra aquela coisa do “você precisa de um branco atrás ou na sua frente pra te dar um respaldo, pra você ter algum tipo de credibilidade”. Pro seu conteúdo ter algum tipo de valor pra aquele algoritmo, né? Eu também lembro que aconteceu de as pessoas publicarem no Instagram fotos de pessoas brancas no feed pra testar o alcance, e ele era muito maior do que quando eram publicadas fotos de pessoas pretas.

MEDIADORA: Isso aconteceu no TikTok também.

PARTICIPANTE 2: Gente, até umas coisas bem bobas, hoje em dia nem tanto porque eu uso mais imagens, mas, por exemplo, antigamente eu usava muito vetor de site pra poder ilustrar os posts, porque sempre gostei de fazer design, e é muito difícil achar vetor de pessoa negra que não seja em contexto de “lutando contra o racismo”. Tipo uma pessoa negra segurando uma bandeira e tal. Tanto que várias imagens minhas eu pegava e editava pra botar o desenhinho de uma pessoa preta no post. Eu tinha que editar um desenho branco e botar a pessoa com a pele preta. É uma coisa tão besta, mas é uma coisa que é difícilíssima. Eu lembro que quando eu queria buscar um personagem pro meu livro, uma referência visual, às vezes eu pesquisava “black girl” e aparecia uma garota branca de cabelo preto! São as coisas mínimas que não têm. E pra você ver isso, teve uma amiga minha que comentou, a Letícia Black, ela minha amiga há muitos anos e escreve vários livros, que o livro dela que tem um personagem negro na capa é o menos vendido, e várias outras pessoas relatam isso, que quando a capa do livro tem um personagem preto o livro tende a vender menos. Quer dizer, coisas assim que uma pessoa branca jamais precisa se preocupar e pensar nisso, e a gente tem que se preocupar, tem que pensar nisso. É um negócio muito bizarro. Eh sabe é isso e são coisas mínimas assim. É isso de chamar autores, ter visibilidade, sabe? É uma luta. E acaba sendo um pouco cansativo, porque não era pra gente se preocupar com isso, né? Mas a gente tem que pensar ao criar conteúdo. É difícil porque tem muita gente que, eu não sei se vocês passam por isso, mas é uma

coisa que eu já passei muito, as pessoas têm esse medo, entre aspas, de ofender e as pessoas perguntam até como se eu tivesse todas as respostas em relação a como representar um personagem. Eu não tenho. Tudo que eu passo eu aprendi, eu pesquisei também. Tem coisas que eu não vou saber dizer, e isso acaba até criando um certo peso pra gente. Eu vejo outros criadores de conteúdo que passam por isso também, falam sobre isso, sobre por serem pessoas pretas, parece que precisam ter essa responsabilidade, esse peso de ter que responder as pessoas, ter que ajudar as pessoas a criar, isso acaba sendo um peso enorme pra todos os autores. Essa coisa de “eu tenho que escrever o personagem, porque se eu não escrever, outra pessoa não vai”, é um peso assim muito grande, e juntando isso com falta de interesse de outras pessoas e de editoras também, de não chamar a gente, acaba criando um cansaço de falar sobre isso.

PARTICIPANTE 3: Até pra coisa mais simples. Já me perguntaram no Instagram: pra você, como uma pessoa preta, como é gostar de Taylor Swift? Porra!

PARTICIPANTE 2: Ué, gente? Como assim?

PARTICIPANTE 3: Eu não tô entendendo... como assim? É exatamente isso, como assim...

PARTICIPANTE 2: Só pode ouvir Beyoncé.

PARTICIPANTE 3: Uhum!

PARTICIPANTE 2: As pessoas acham que a gente por ser negra já nasceu com referência, já cresceu sabendo, já cresceu com essa ideia de militância, e não. Tanto que a maioria de nós nem lia, nem escrevia personagens pretos. Não, não conhecia, a gente foi aprendendo com o tempo. A mesma pesquisa que a gente faz, outra pessoa poderia fazer e aprender sem depender da gente. Que nem o pessoal fala, parece que somos um “Wiki Preta”.

PARTICIPANTE 4: Não, eu concordo com isso. E respondendo a pergunta da Myla sobre o que a gente acha sobre essa divulgação das editoras apenas no mês de novembro, eu acho que hipócrita, mas fazer o quê? É importante que tenha essa divulgação mesmo no mês de novembro, pra pelo menos ter alguma coisa. Não acho certo também. Acho que deveria divulgar todos os dias, ter esse movimento o ano todo. Porque tem muita autora negra aí que é pouquíssimo divulgada, a maioria delas são independentes, vocês que trabalham em editoras sabem que a maioria é branca, mas é importante ter esse mês, mesmo sendo somente no mês de novembro, pra que atinjam outras pessoas. Até porque se a gente for contabilizar, a maioria das pessoas que têm hábito de leitura são pessoas brancas ainda. A maioria das zonas periféricas do Brasil são compostas por pessoas negras e infelizmente muitas delas não leem, elas não são alfabetizadas, não tem o costume de ler. Então esse movimento pode até chamar a atenção

desse público também que são pretos, mas não leem.

MEDIADORA: Pra gente finalizar, vocês acham que o gênero *fanfic* ajuda a ter essa inserção de escritoras negras? Você como leitora se sente mais representada ali? Acham que essas plataformas ajudam nessa inserção para nós?

PARTICIPANTE 1: Eu acho que depende. Ele ajuda, como a Participante 4 falou lá no começo já que a gente está mais envolvida com *fanfic* interativa, na interativa você muitas vezes não coloca a característica da personagem pra que a pessoa consiga se identificar melhor com a sua história, e possa ler como se fosse com ela ali. Mas depende muito do fandom que você tá inserida. Por exemplo, no fandom de Harry Potter, eu tenho uma *fanfic* de Harry Potter e são personagens brancos porque eu estou falando dos Malfoy. Então não tem como fugir daquilo porque eles são descritos como brancos pela própria J. K. Mas eu acho que depende muito do fandom que você tá. Histórias com personagens negras em Harry Potter eu li quando eram personagens originais. Histórias originais, que a gente erroneamente ainda chama de *fanfic*, talvez ainda tenham um pouco mais de representatividade, você se encontra um pouco mais nelas. Eu acho que até hoje, por mais que você ainda tenha um núcleo de personagens majoritariamente branco na maior parte dos fandoms, você também tem aquela resistência. Digamos assim, aquelas pessoas que pensam “é todo mundo branco no canon, mas vou inserir uma preta aqui e é isso. Vou criar uma história por trás pra ela e ela vai ser a pessoa fodona daquela história”. E tá ótimo, maravilha, eu quero ler. Eu acho que o lugar onde eu vi mais representatividade, foi no *Fanfic Obsession*, justamente por conta dessa questão de não colocar tanta característica assim na personagem principal.

PARTICIPANTE 3: Eu ia dizer que faz muito tempo que eu não escrevo *fanfic*, mas eu tenho uma publicada que de vez em quando recebe uns *likes* no Wattpad, é uma de Harry Potter e às vezes eu entro lá pra ver o que está rolando, e ainda assim nas capas, que a gente consegue identificar pelas capas, é muito difícil. Você vê *fanart* e um tanto de coisa, mas tudo é majoritariamente branco. Mas eu acho que se não existe é muito porque a pessoa não quer. Digo, tipo, o escritor, não sei se não tem interesse, não quer, não sei, enfim, n motivos. Mas eu acredito que o universo de *fanfic* é um universo muito vasto, a gente consegue escrever em um universo alternativo, eu já vi muito dentro dos jogos de RPG ou mesmo procurando personagens, rostos pra personagens de *fanfic*, eu já vi muito além de Hermione preta, eu já vi Remo Lupin preto, eu já vi Harry preto, James Potter preto. Então são coisas que a gente pode tirar de dentro do canon, sabe? Tudo bem que de alguma forma acaba se tornando uma história original porque a gente tira de todo o contexto da narrativa original, mas isso é possível, e eu

acho que se tem um lugar que é possível é nas *fanfics*, principalmente em histórias que a gente já era apaixonada. Eu era apaixonada por Harry Potter, hoje em dia eu consumo muito menos, mas na época que eu era muito apaixonada por Harry Potter, eu via dentro do universo das *fanfics* a oportunidade de fazer o que eu sentia falta: mais representatividade preta, de dar representatividade a comunidade LGBT... então eu acho que se tem um lugar pra fazer isso, é dentro do universo das *fanfics*, e se não existe, é porque as pessoas não querem.

PARTICIPANTE 2: Participante 3, isso que você falou de mudar a etnia de personagem, eu já vi isso inclusive com *fanfic* de K-pop porque eu trabalho como revisora, preparadora de textos, aí eu fiz alguns *freelas* pra uma editora que pega *fanfics* de K-pop e transforma em originais, e tem alguns personagens que se tornam personagens negros e tudo. E realmente eu acho que na *fanfic*, se a pessoa quiser, ela pode fazer tudo! E assim, por exemplo, eu tinha um seriado que eu gostava muito, que a protagonista era uma mulher negra retinta, só que eles cancelaram o seriado e mataram a personagem, foi o uma revolta na época, porque, de fato, na época acho que foi em 2013, era muito difícil ver uma personagem negra numa série de fantasia como protagonista, e as *fanfics* que as pessoas criaram desse seriado acabaram suprimindo uma carência enorme que os produtores da série não faziam, que era dar mais atenção ao fato de ela ser uma mulher negra, continuar a história depois que tiraram ela de uma forma que foi totalmente desnecessária... então eu acho que a *fanfic* tem muito potencial de criar representatividade. Por exemplo, em Harry Potter mesmo onde não tem representatividade boa, tem pouquíssimos personagens que fazem parte de alguma minoria. Mas é aquilo que a Participante 3 falou: basta a pessoa, o escritor, querer. E isso serve pra tudo, *fanfic*, livros originais. É sobre a pessoa fazer um esforço consciente, sabe? Tem gente que não faz porque não quer fazer, tem gente que não faz porque tem medo de fazer, mas é uma coisa que deve ser encorajada. Vamos colocar mais personagens pretos sim. Sendo respeitoso, pesquisando direitinho, dá tudo certo, não é um bicho de sete cabeças. Acho que as pessoas têm muito medo, e na *fanfic* as coisas são diferentes. Por exemplo, Harry Potter mesmo, eu adorava Harry Potter, hoje em dia, não, por causa da treta da J. K., enfim..., mas, poxa, meu sonho era me ver lá, naquele universo. Jogos Vorazes também, apesar de Jogos Vorazes ser muito mais evoluído em questão de representatividade, em Nárnia também. A *fanfic* dá essa possibilidade pra gente. Assim como as adaptações, né? Tipo a Pequena Sereia, gente, eu estou doida pra ver esse filme. Sério, eu vi o trailer e chorei. Eu fiquei tão emocionada. Então eu adoro ver essas adaptações quando as pessoas fazem, mas é questão de vontade mesmo.

PARTICIPANTE 4: Verdade, aproveitando o ensejo da Participante 2, é isso mesmo, eu

acredito que no mundo das *fanfics* as pessoas têm total liberdade pra escreverem o que elas quiserem, com quem elas quiserem, criar um universo novo, entrar num universo que já existia e colocar representatividade. Eu acho que maior receio das pessoas é isso, é um medo do desconhecido, elas não sabem o que as outras pessoas vão achar do que elas estão escrevendo ou dos personagens dela, ou até por conta de situações parecidas com a da amiga da Participante 2 que é autora, de colocar um personagem negro como destaque e as pessoas não lerem por isso. Acho que é um pouco disso.

MEDIADORA: Meninas, muito obrigada! A conversa fluiu muito bem. Muito obrigada mesmo pela participação de vocês!

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE



UFRJ

FANFICS E NEGRITUDE:

A AUTORIA DE MULHERES PRETAS NO GÊNERO FANFICTION

Nome do voluntário: _____

Convido a Sra. para participar da pesquisa "*Fanfics e negritude: a autoria de mulheres pretas no gênero fanfiction*", sob a responsabilidade da pesquisadora Myla Cristina Guimarães, e orientação da Profa. Dra. Aline Frederico. A pesquisa pretende questionar a dificuldade da entrada de escritoras negras no mercado editorial e a *fanfiction* como uma alternativa para a divulgação das obras dessas mulheres.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da organização de um grupo focal, que é uma técnica de pesquisa qualitativa onde um pequeno grupo é reunido para discutir o tópico oferecido de forma aprofundada. A conversa será feita online e utilizaremos como meio a ferramenta Google Meet. Estima-se que o encontro terá duração de 1h a 1h30.

Se depois de consentir com a sua participação a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independentemente do motivo e sem prejuízo algum a sua pessoa. A Sra. não terá despesas e não receberá remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

A pesquisa não envolve riscos significativos, mas há um baixo risco psicológico relacionado a desconforto, medo ou vergonha ao revelar informações pessoais ou sensíveis durante a entrevista, e o risco de revelação não-intencional de informação privada. Além disso, há o baixo risco de quebra do anonimato, que pode ocorrer em caso de roubo de dados da pesquisa ou de divulgação por parte de uma outra participante do grupo focal (solicitamos a todas as participantes confidencialidade no que diz respeito a informações e conversas realizadas no grupo focal). Se você aceitar participar, estará contribuindo para os estudos sobre mulheres negras, o mercado editorial e o gênero *fanfiction*.

Para qualquer outra informação, a Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no endereço eletrônico myla.quimaraes@discente.eco.ufrj.br/ mylaq990@gmail.com ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ – Campus Praia Vermelha – CFCH, através do e-mail cep.cfch@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não serei remunerada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ / /
(Assinatura da voluntária) dia/ mês/ ano

(Nome da voluntária – letra de forma)

_____ / /
(Assinatura da pesquisadora) dia/ mês/ ano

(Nome da pesquisadora – letra de forma)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- APPIAH, K. A. “No bad nigger”: Blacks as the ethical principle in the movies. In: M. Garber, J. Malock, & R. L. Walkowitz, *Media spectacles*. Nova York: Routledge, 2007. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203699744-5/bad-nigger-black-ethical-principle-movies>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- AZEVEDO, A. *O mulato*. São Paulo: Montecristo Editora, 2013.
- BENTO, M. A. & CARONE, I. (orgs.) *Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BEZERRA, T. C. G., Barbosa, L. H. G. de M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., & Gouveia, V. V. *Escala Clance do Fenômeno do Impostor: Adaptação Brasileira*. Psico-USF, Rio Grande do Sul, v. 26, n. 2, p. 333-343, apr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/fKftCy3xJsDYyQyMF9D5VFh/>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed. UNESP, 1998.
- COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. *Research Methods in Education*. Oxford: Routledge, 2017.
- COLLINS, P. H. *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. 2. ed. New York: Routledge, 2000.
- CONCEIÇÃO, E. Negro ou preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história. [Entrevista concedida a] Humberto Martins e Márcia Maria Cruz. *Estado de Minas*, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml. Acesso em: 29 mai. 2023

CONCEIÇÃO Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. CartaCapital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 02 jun. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31, p. 87–110, 2011. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ERKUT, S., FIELDS, J.P., SING, R., MARX, F. Diversity in girls’ experiences: Feeling good about who you are. In: B.J.R. Leadbeater & N. Way (Eds.), *Urban girls: Resisting stereotypes, creating identities*, p. 53-64. Nova York: New York University Press, 1996.

FILHO, C. M. (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

GLENN, C. L., & CUNNINGHAM, L. J. The Power of Black Magic. *Journal of Black Studies*, v. 40, n. 2, p. 135–152, 2007. doi:10.1177/0021934707307831

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HILLS, M. *Fan culture*. Nova York: Routledge, 2002.

JAMISON, A. *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Anfiteatro, 2017.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory*. Nova York: Routledge, 1992.

KELLNER, D. Cultural studies, multiculturalism, and media culture. In: G. Dines & J. M. Humez (Eds.), *Gender, race, and class in media: A text-reader*. Londres: Sage, 1995.

KIDD, D. *Pop Culture Freaks: Identity, Mass Media, and Society*. Boulder, CO: Westview Press, 2014.

KUTENPLON, D.; OLMSTEAD, E. *Young adult fiction by African American writers, 1968-1993: A critical and annotated guide*. New York: Garland, 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, V. C. Revolução pela palavra: movimentação literária de jovens escritoras negras brasileiras. *Revista Crioula*, n. 27, p. 183-198, 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2021.197516>

MARTINS, A. V.; DAMACENO, J. Cultura participativa de fã na internet: canais para interação e produção de fandoms. *Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, Palmas, v. 4, n. 2, p. 102-120, 2020.

MATOS, G: Rainha das Mulatas. *Sonetário Brasileiro*, 2021. Disponível em: <https://www.elsonfroes.com.br/sonetario/matos.htm>. Acesso: 01 fev. 2023.

MENDES, M. *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MONTEIRO, L. *Reinações de Narizinho*. 14. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PAULA, L.; ZANDONADI, R. Fanfiction: reading and writing in the digital age. *Línguas & Letras*, Cascavel, v. 21, n. 49, p. 86-107, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/195493>.

PETRUCCELLI, J. L. *A cor denominada: estudos sobre a classificação étnico-racial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v. 18 n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 02 fev. 2023.

RAMOS, E. 'Amoras', livro de Emicida, é alvo de racismo religioso. *Lunetas*, 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/amoras-livro-de-emicida-e-alvo-de-racismo-religioso/>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

REIS, F. S. F. *Fanfictions na Internet* – um clique na construção do leitor-autor. 2011. 158f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

RIBEIRO, A. E.; JESUS, L. M. O media fã como “crítico literário” digital. *Revista Textura*, Ulbra, v. 20, n. 43, p. 20-38, 2018.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHEURICH, J. J., & YOUNG, M. D. (1997). Coloring Epistemologies: Are Our Research Epistemologies Racially Biased? *Educational Researcher*, v. 26, n. 4, 1997. doi:10.2307/1176879

SILVA, A. R. S. DA. A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora e emancipatória. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 10, 2013, p. 175-188.

SILVA, L. C., & SILVA, K. G. O negro na literatura infanto-juvenil. *Revista Thema*, v. 8, n. 2, 2011, p. 1-13. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/106>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SOUZA, F. da S. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*, n. 20, p. 19-39, 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.141317>

STEVENSON, R. L. *Books Which Have Influenced Me: A Paper Contributed to 'The British Weekly' May 13, 1887*. Reino Unido: Literary Collector Press, 1905.